



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

“PASTOREIO EM MANTEIGAS:
TRANSUMÂNCIA NO PASSADO E NO
PRESENTE”

Diogo Miguel Gil Morgado

2013



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

“PASTOREIO EM MANTEIGAS: TRANSUMÂNCIA NO PASSADO E NO PRESENTE”

Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social e Cultural, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Fernando Florêncio (Universidade de Coimbra)

Diogo Miguel Gil Morgado

Resumo

A realização desta dissertação visa estudar os movimentos migratórios transumantes, praticados no passado e no presente, no Vale Glaciar do Rio Zêzere e no Vale da Castanheira (Manteigas). Procura igualmente traçar uma imagem da actualidade do pastoreio na região.

Através de trabalho etnográfico, baseado em entrevistas, procurou-se compreender as dinâmicas das populações ligadas ao pastoreio para melhor entender o fenómeno transumante na região.

Esta investigação revela um importante agregado de informação acerca da actividade pastoril e da transumância na periferia da vila de Manteigas.

Palavras-chave: Transumância, Pastores, Memórias, Manteigas, Serra da Estrela.

Abstract

This dissertation studies the transhumance movements of migrations that took place in the past and are still occurring in the present, in the glacial valley of the *Zêzere* River and in the *Castanheira* Valley (municipality of *Manteigas*). We aim to draw an up to date view of the pasturing of this region.

Through ethnographical work, based on interviews, we attempt to become aware of the population dynamics linked to pasturing to better understand the transhumance phenomenon of this region.

This investigation reveals important information about pasturing and transhumance activities taking place on the periphery of the town of *Manteigas*.

Key-words: Transhumance; Shepherds; Memories; Manteigas; Serra da Estrela.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Fernando Florêncio pela excelente e atenciosa forma como conduziu a orientação desta dissertação. Além de um excelente pedagogo, foi também um grande conselheiro em momentos cruciais.

À minha família, com especial ênfase para os meus pais, por todo o apoio e paciência que demonstraram.

Aos colegas e amigos que ao longo de vários meses sempre me auxiliaram, contribuindo para os vários debates de ideias que tivemos: Fábio Capela, André Brito, Filipe Santos e Tiago Gil. Ao Luís Fareleira pelo incrível auxílio prestado na elaboração dos mapas. Ao António Abrantes pela paciência e ajuda no trabalho de campo levado a cabo junto dos pastores.

À Ana Patrícia Monteiro pelo apoio constante ao longo da elaboração da dissertação e pela ajuda na resolução de questões técnicas da mesma.

À Mara Direito e ao seu pai, Sr. Manuel, pela disponibilidade que sempre demonstraram e pela ajuda no contacto com alguns pastores.

Finalmente, uma enorme palavra de apreço e gratidão a todos os pastores que contribuíram de forma decisiva para a concretização deste trabalho.

Índice

1- Introdução.....	2
1.1- Estado da Arte	4
1.2- Metodologia.....	6
2- Manteigas: contextualização e pastores	9
2.1- Contextualização histórica, geológica e geográfica	9
2.2- Pastores de Manteigas: caracterização	13
2.2.1- Queijo Serra da Estrela	27
2.2.2- Lã	30
2.3- Parque Natural da Serra da Estrela: uma visão bicéfala.....	33
3- Transumância	38
3.1- O caso Espanhol	39
3.2- O caso Português	41
3.3- Transumância transfronteiriça	44
3.4- Modalidades de Transumância	46
3.5- Transumância na Serra da Estrela	47
3.6- A transumância em Manteigas	49
3.6.1- Transumância de longo curso – as “Campanhas de Idanha”	50
3.6.2- Transumância de Verão – os cumes da Serra da Estrela	56
3.6.3- Transumância para locais de proximidade.....	61
4- Considerações Finais.....	66
5- Bibliografia	68
5.1- Suporte Informático	72
6- Anexos.....	73

1- Introdução

A transumância, um movimento alternativo e periódico dos rebanhos entre duas regiões diferentes, foi uma técnica de pastoreio habitual em toda a Europa mediterrânica e, especialmente, na Península Ibérica (Ibarra in Oliveira e Silva, 2000b: 171). Apesar das principais origens deste fenómeno remeterem para pré-história (Morais, 1998: 7), a primeira regulamentação a seu respeito foi realizada em Castela por Afonso X no século XIII, definindo então as regras e caminhos por onde se deveriam deslocar os gados nas suas migrações (Idem: 12). Em Portugal, a regulamentação das migrações pastoris apenas surgiu verdadeiramente no século XVI. Porém, ao contrário de Castela onde a regulamentação sobre a *Mesta*¹ era algo notável, nunca tivemos um conjunto coerente de leis que demonstrasse o sentido do poder central sobre este assunto (Ibidem: 28). No entanto, é notável o conjunto de nomes e regras próprias, auto-estabelecidas e auto-reconhecidas pelos intervenientes desta migração em Portugal, contribuindo portanto para a preservação de um fenómeno durante tantos séculos (Henriques in Oliveira e Silva, 2000b: 93).

De facto, a transumância foi um fenómeno de carácter extremamente importante, essencialmente nas regiões serranas portuguesas, cuja dependência do pastoreio era enorme. Todavia, hoje em dia são raros os locais onde ainda se procede a este tipo de migração. À excepção de pequenas rotas transumantes ainda praticadas por alguns pastores de certas aldeias da Serra da Estrela, este fenómeno encontra-se praticamente extinto.

A última referência a um percurso de longa distância efectuado por pastores transumantes diz respeito à migração para a Serra de Montemuro, no ano de 1999 (Oliveira e Silva, 2000b). Na Estrela, a transumância de longo curso deixou de ser realizada há mais de três décadas.

Na vila de Manteigas, situada em pleno coração do Parque Natural da Serra da Estrela, ainda persistem pequenos movimentos transumantes, tanto no Inverno, como no Verão. Deste modo, achámos relevante proceder a estudo aprofundado destes movimentos, bem como recolher memórias a respeito da transumância de longo curso ocorrida no passado.

¹ Grémio de criadores castelhanos de ovelhas, corporizado no Honrado Concejo de la Mesta de Pastores, onde estava definido as normas e caminhos por onde deveriam deslocar-se os gados nas suas migrações (Morais, 1998: 12).

Os objectivos a que nos propusemos nesta investigação visaram:

- Averiguar em que ponto se encontrava o fenómeno transumante na região de Manteigas (Vale Glaciar do Rio Zêzere e Vale da Castanheira);
- Compreender os impactos socioeconómicos que o pastoreio tinha nesta região;
- Recolher memórias da transumância de longo curso realizada no passado;
- Testemunhar e recolher dados acerca da transumância efectuada no presente.

A temática da memória é um campo vasto e bastante complexo, mas é igualmente um tema cujo potencial é enorme. Podemos entender dois tipos de memória: a individual e a colectiva (Pollak, 1992: 201). O estudo que levámos a cabo teve como objectivo recolher as memórias individuais dos pastores, de modo a constituir um cruzamento de ideias que visasse colectar uma memória colectiva. Fundamentalmente, podemos entender como elementos constitutivos da memória, individual ou colectiva, os acontecimentos, as pessoas e os lugares. Os acontecimentos podem ter sido vividos pessoalmente ou podem remeter para episódios vividos pelo grupo ou pela colectividade (Idem: 201). As pessoas podem ter sido personagens realmente encontradas no decorrer da vida, ou podem nem ter feito parte do espaço-tempo da pessoa, mas que no entanto tiveram reflexos na sua memória (Ibidem: 201). Quanto aos lugares, estes podem estar ligados a lembranças pessoais ou podem simplesmente funcionar como lugares importantes para a memória do grupo, sem nunca ter existido um contacto directo entre pessoas e locais (Ibidem: 202).

Embora a memória seja sempre um fenómeno construído social e individualmente, que pode ser condicionada em função de preocupações pessoais e políticas do momento, quando se trata da memória herdada podemos dizer que há uma ligação fenomenológica muito íntima entre a memória e o sentimento de identidade (Ibidem: 204). Podemos entender a memória como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é igualmente um factor de extrema importância do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na sua reconstrução de si (Ibidem: 204).

Os tempos são hoje bem diferentes do passado. As romarias transumantes tradicionais de outrora para os “Campos da Idanha”, Douro e para os campos de Coimbra deixaram há muito de se fazer (Martinho, 1978: 47). A transumância constituía

a ordem local, no que concerne às relações económicas, sociais, culturais e ambientais. A escassez de pastagens, por motivos de ordem climatérica (ex: invernos rigorosos ou devido à seca) estiveram na origem destas migrações da montanha para os planaltos e vice-versa (Martinho in Oliveira e Silva, 2000: 77). Um dos principais motivos da extinção deste fenómeno assenta na produção em massa de gado, estabelecida por princípios capitalistas e industriais, que procura substituir a produção em qualidade, de moldes camponeses e artesanais (Idem: 77). As rotas transumantes, essas encontram-se todas estudadas, nomeadamente por Orlando Ribeiro (1941) e por Alberto Martinho (1978). O que se encontra em causa nesta investigação são essencialmente as memórias individuais de cada um dos intervenientes, directos ou indirectos, como forma de estudar o fenómeno à escala local.

1.1- Estado da Arte

Os estudos acerca do pastoreio e, mais propriamente, acerca da transumância na Serra da Estrela tiveram como pioneiro Orlando Ribeiro, conhecido e reputado geógrafo do século XX. Devemos entender o estudo feito por Ribeiro, “Contribuição para o Estudo do pastoreio na Serra da Estrela”, como a principal base para todos os investigadores que posteriormente abordaram o tema da transumância.

A importância deste estudo baseia-se no facto de ter sido levado a cabo num período² em que este fenómeno ainda acontecia com bastante frequência, tanto na Serra da Estrela, como na Serra de Montemuro³, um dos principais locais onde a transumância também teve algum impacto.

A maior parte dos estudos acerca deste fenómeno sazonal de migração aconteceram já numa época em que as rotas de transumância estavam a cair em desuso, caso da investigação levada a cabo por Alberto Martinho, “O Pastoreio e o Queijo da Serra”, obra que para além de abordar esta questão, se foca essencialmente nas dinâmicas socioeconómicas das populações serranas. No entanto, já na década de 70 do século

² A obra de Orlando Ribeiro data do ano de 1941.

³ No ano de 1999 deu-se a derradeira ida transumante à Serra de Montemuro, ficando conhecida como a “Última Rota de Transumância”.

XX, período em que a obra foi publicada, a transumância se encontrava quase caída no esquecimento⁴.

No ano de 1998, João Augusto David de Moraes⁵ procedeu igualmente a um estudo das rotas de transumância que se deslocavam da Serra da Estrela para os campos alentejanos tendo, no entanto, um objectivo de outro carácter por detrás desse estudo: averiguar os impactos de uma parasitose endémica através das migrações de animais, cujos efeitos nefastos eram consideráveis em gado alentejano. Tal facto não o impediu de proceder a estudo notável sobre as rotas transumantes que no passado faziam longas migrações das serranias beirãs até às planícies alentejanas.

Em Junho de 1999 ocorreu na Escola Superior Tecnológica de Viseu o maior evento no que diz respeito aos estudos sobre a transumância – um colóquio intitulado “Montemuro – a última rota da transumância”. Este simpósio, organizado pela Escola Superior Agrária de Viseu e pela Associação pela Defesa da Cultura Arouquense, contou com a presença de investigadores nacionais e internacionais e abordou a temática da transumância não só à escala nacional como europeia. O evento serviu para apresentar novos e diferentes dados acerca do fenómeno transumante bem como para agregar informação já editada algumas décadas antes. Podemos afirmar que este congresso foi o mais importante acontecimento na história dos estudos acerca da transumância em Portugal.

Quanto a investigações relativas à Serra da Estrela podemos nomear um estudo elaborado numa freguesia do seu Parque Natural – Fernão Joanes – no ano de 2004. Esta obra compila as rotas transumantes usadas no passado, tanto provenientes do local em questão como de freguesias limítrofes. Para além disso oferece também um pouco da sua história transumante.

No ano de 2008 foi publicado aquele que até hoje se pode considerar o melhor trabalho relativo às dinâmicas socioeconómicas das comunidades pastoris. “Rota da Lã Translana”, foi um trabalho coordenado por Elisa Calado Pinheiro que, além de abordar a questão do património industrial da lã, analisa pormenorizadamente aspectos históricos, geográficos, antropológicos e etnográficos das regiões da Beira Interior e da Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha). Com o objectivo de criar um itinerário turístico-cultural, a investigação possui dois volumes (um de 501 e outro com 932

⁴ Segundo Alberto Martinho⁴ desde 1940 que tais deslocações deixaram de ser realizadas, preferindo os pastores fazer percursos de curta distância ou até mesmo mantê-los nos seus terrenos alimentando-os com rações e outro tipo de alimentos (batatas e ramos de pinheiro e castanheiro).

⁵ Docente da Universidade de Évora.

páginas) e um privilegiado rol de fotografia e cartografia. No fundo, esta obra é uma boa compilação não só de toda a informação que existia sobre transumância e pastoreio na Serra da Estrela, como de aspectos da história industrial da região. Além de bastante completa é, inclusive, o mais recente estudo sobre o tema em Portugal.

Quanto a estudos etnográficos sobre pastores, há que destacar o trabalho de Eddy Chambino cuja obra “Pastores, guardiões de uma paisagem” (2007) contém um apanhado geral da pastorícia, essencialmente focado na Beira Baixa. Contudo, esta obra possui relatos de pastores de várias regiões da Beira a respeito de vários temas, nomeadamente da transumância.

As obras citadas abordam temas que vão das rotas transumantes do passado às do presente, do tipo de habitações aos materiais usados na criação de gado, dos modelos económicos aos sociais, sendo por isso uma temática algo estudada, mas escassa. Segundo Oliveira e Silva (2000a), “Os estudos sobre transumância e vida pastoril, no nosso país são escassos e dispersos. Não temos conhecimento de reuniões científicas ou de quaisquer iniciativas que tenham tratado estes temas, numa perspectiva interdisciplinar”. Além da obra coordenada por Elisa Calado, “Rota da Lã Translana”, não temos conhecimento de nenhum outro estudo realizado em Portugal nos últimos 13 anos.

Para concluir gostaríamos de frisar que todas as obras referidas contêm referências à história da transumância tanto no contexto nacional como ibérico, sendo umas mais completas que outras.

1.2- Metodologia

O principal método de estudo em qualquer pesquisa etnográfica é o trabalho de campo, também denominado pesquisa de terreno. Como tal, esta investigação desenrolou-se em torno desta metodologia perpetuada por Malinowski, na obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. A principal vantagem em realizar trabalho de campo residiu no facto de se proceder a uma recolha de dados de forma directa.

O trabalho de campo realizado em Manteigas teve como principais objectivos recolher dados acerca das memórias sobre a transumância de longo curso e verificar os moldes em que a actividade decorre nos dias de hoje. A técnica utilizada para proceder a esta recolha foram as entrevistas.

Foram realizadas 8 entrevistas a 7 pessoas distintas, sendo que 6 deles eram pastores, e o restante, um responsável pelo Parque Natural da Serra da Estrela. O trabalho de campo foi realizado através de visitas sucessivas aos locais de estudo, e decorreu ao longo de 5 meses por um período descontínuo (entre Outubro de 2012 e Fevereiro de 2013).

Como qualquer trabalho de campo, surgiram inúmeros imprevistos com os quais tivemos que lidar, adaptando-nos o melhor possível. Inicialmente estava previsto um período de estadia no local, num pequeno alojamento turístico pertencente a uma família nossa conhecida. Porém, devido ao facto do trabalho de campo coincidir com a época alta do turismo na Serra, não foi possível efectuar essa mesma estadia. As condições climatéricas na Estrela são bastante rigorosas no inverno, daí a necessidade de optarmos por visitas sistemáticas ao local para realizar entrevistas.

Todas as entrevistas realizadas foram semi-estruturadas (ou semi-directas), o tipo de entrevista mais usada pelos investigadores. Ao contrário das entrevistas directas, as semi-directas são entrevistas mais interactivas e mais subjectivas e que obrigam o investigador a ter um tipo de relacionamento mais chegado com o objecto de estudo⁶. Consequentemente, são muito mais difíceis de gerir. As entrevistas semi-directas não podem ocorrer sem um minucioso conhecimento prévio e preparação, pois é necessário observar as pessoas antes de se proceder a uma conversa detalhada deste género (Burgess, 2001: 113). Só a partir do momento em que classificamos o entrevistado num determinado papel social é que estamos aptos a delinear os tópicos da entrevista. Fundamentalmente, existem três tipos de questões que podem ser colocadas numa entrevista: as questões descritivas, que permitem ao informante fazer declarações acerca das suas acções; as questões estruturais, que procuram determinar como é que os informantes organizam o seu conhecimento; e, por último, as questões de contraste, que permitem aos informantes discutir os significados de certas situações e proporcionar-lhes uma oportunidade de comparar situações e acontecimentos no seu mundo (Idem: 122).

Apenas repetimos entrevistas junto de 2 pastores (entrevista conjunta), uma vez que não achámos necessário repeti-las com os restantes intervenientes. As transcrições das entrevistas foram realizadas no período imediatamente a seguir à sua recolha, de modo a evitar o risco de se perder informação.

⁶ “É vital desenvolver um clima de confiança entre aqueles com quem as entrevistas se realizam” (Burgess, : 114).

Um dos principais problemas que podia ter sucedido nesta relação narrador – narratário, reside na incompreensão que podia ser gerada ao longo das conversas, devido a problemas semânticos ou mesmo até às diferenças etárias entre os envolvidos. Porém, apesar do abismo de idades que envolvia ambos os intervenientes, onde por vezes os modos de pensar e os valores são bastante diferentes⁷, tudo correu da melhor forma.

Todo o trabalho de campo se realizou sem incidentes e decorreu dentro período previamente estipulado.

Os mapas foram realizados com recurso ao programa informático *Quantum Gis*, com cartas militares na escala 1: 25 000 e com recurso aos mapas do servidor *Bing*. Todos os mapas se encontram georreferenciados.

⁷ Segundo Poirier “uma atenção muito particular deverá ser dada ao alcance exacto dos termos usados.” (Poirier et al., 1999: 28).

2- Manteigas: contextualização e pastores

2.1- Contextualização histórica, geológica e geográfica

Situada no coração da maior área protegida do território nacional, Manteigas e a sua área envolvente possuem características únicas no que diz respeito à sua morfologia e ao seu carácter histórico.

O concelho de Manteigas situa-se na área preservada pelo Parque Natural da Serra da Estrela, que ocupa todo o maciço da Serra da Estrela e algumas zonas limítrofes, abrangendo uma área de cerca de 101 mil hectares e cuja altura varia entre os 650 e os 1993 metros (Monsanto et al., 2005: 10).

Dada a localização do concelho no interior do maciço da Serra da Estrela, as acessibilidades sempre foram um problema na região. O concelho de Manteigas é unicamente atravessado por uma estrada nacional (EN232) que liga os concelhos de Belmonte, Manteigas, Gouveia e Mangualde, e por uma estrada regional (EN338) que perfaz a ligação às Penhas da Saúde, Covilhã e Seia (Monsanto et al., 2005: 7).

O seu município, parte integrante do distrito da Guarda, possui uma população residente de cerca de 2900 habitantes englobados nas freguesias de S. Pedro e de Santa Maria. O seu concelho é o mais pequeno do distrito, abrangendo, para além das duas freguesias internas, as freguesias de Sameiro e de Vale de Amoreira, tendo esta última passado a fazer parte do concelho apenas em Janeiro de 2002. A sua área compreende cerca de 12 500 hectares e encontra-se delimitada a noroeste pelo concelho de Gouveia, a leste pelo concelho da Guarda, a sudeste pelo concelho da Covilhã e a oeste pelo concelho de Seia.

Situada num alvéolo na margem esquerda do rio Zêzere, Manteigas encontra-se num local cortado profundamente pelos vales do Zêzere, a sul, e do Mondego, mais a norte (Teixeira, 1967: 6). Mais precisamente, situa-se no término de um dos vários vales glaciares em U existentes na Serra da Estrela – Vale Glaciar do rio Zêzere. Com um comprimento de cerca de 13km, é considerado um dos maiores da Europa. A sua formação deve-se ao facto de a região ter sido submetida à acção dos gelos durante a glaciação *wurmiana*, ocorrida no período Quaternário (Teixeira, 1974; 10 e 11). O rio Zêzere, cuja origem se situa na base do Cântaro Magro, no covão d’Ametade, é o principal recurso hídrico da região, não obstante, existem inúmeras fontes e nascentes, fruto da infiltração facilitada pela vasta rede de diáclases, que adquirem especial

importância na manutenção da agricultura, do pastoreio e no abastecimento urbano e rural⁸.

O clima da região, e de praticamente toda a Serra da Estrela, é condicionado essencialmente por dois factores – a altitude da montanha e a proximidade do mar, que dista apenas cerca de 100km de distância. Tal facto faz com que os ventos de oeste penetrem pela bacia do Mondego e causem precipitação sobre a forma de chuva ou neve na Serra da Estrela, essencialmente nas vertentes oeste e noroeste (Monsanto et al., 2005: 22-23). Relativamente aos valores de precipitação, os meses em que se verificam os níveis mais altos situam-se entre os meses de Novembro e Março, a maior parte sob a forma de neve. Esta tem uma importante acção sobre a vegetação, sendo simultaneamente benéfica, na medida em que favorece a vegetação herbácea da Primavera permitindo um maior armazenamento de água no solo, e prejudicial, uma vez que através da pressão causada pela neve contribui para a deformação das plantas lenhosas (Idem: 24). Podemos considerar três zonas distintas no que diz respeito ao revestimento vegetal nos diversos níveis de altitude – o andar basal, o andar intermédio e o andar superior – cada uma delas com tipos de cultura e influência diferentes (Batista, 1990: 9-10). O andar basal (800m-900m) sofre a presença de influência mediterrânea denotada pela presença dos olivais e vinhas, e atlântica através da cultura do milho, pinhais e soutos. Quanto ao andar intermédio (900m-1600m), o aproveitamento agrícola é feito através das culturas do centeio e através de lameiros bravos. Por último, o andar superior (acima dos 1600m) distingue-se pela predominância de zimbro, como espécie arbustiva, e do cervum, importantíssimo para a criação de gado devido à abundância de relvados compostos por este tipo de gramínea. Com a excepção de certas áreas urbanizadas e com um certo nível de indústria, a Serra da Estrela constitui, ainda hoje, um espaço rural preparado por grupos humanos para a produção agrícola (Idem: 10).

Seguramente que os primeiros sinais de povoamento do local onde hoje se situa a vila de Manteigas datam de há muitos séculos atrás visto esta se localizar no fundo de um enorme covão, local de defesa privilegiado. Os documentos datados da época da reconquista cristã levada a cabo por Fernando Magno de Leão e Castela, não fazem qualquer referência a nenhuma das povoações desta região que posteriormente

⁸ O estado do granito, que permite a abertura de poços e minas, juntamente com o degelo das acumulações de neve, constituem reservas hídricas importantes para a alimentação de tais nascentes, que na época de estiagem sofrem uma redução considerável do seu caudal. (Teixeira, 1974: 50)

receberam foral, casos de Folgoso, Covilhã, Manteigas, Valhelhas ou Guarda, o que poderá significar que à data algumas não existissem ou não tivessem grande população (Batista, 1988: 7). Foi a partir da ocupação militar que os primeiros forais começaram a ser concedidos. Após a atribuição do foral a Linhares entre 1055 e 1065 por Fernando Magno, Afonso Henriques concedeu foral a Seia em 1136, novamente a Linhares em 1169 e a Celorico entre esta data e 1185, ano em que faleceu. O seu filho, D. Sancho, concedeu foral a Gouveia e Covilhã em 1186, a Folgoso em 1187, a Valhelhas em 1188 e à Guarda em 1199 (Batista, 1990: 16).

O caso de Manteigas é sem dúvida um caso peculiar no conjunto dos concelhos medievais da Serra da Estrela uma vez que não existem dados contemporâneos do seu povoamento e da publicação do seu foral. Apesar da primeira referência documental conhecida a Manteigas pertencer ao ano de 1258, aparecendo nas Inquirições de D. Afonso III, o foral de D. Manuel I concedido à vila em 1514 confirma a concessão de um foral anterior, atribuído por D. Sancho I em 1188, do qual não restam evidências documentais (Idem: 19).

Quanto à questão etimológica e semântica da origem do vocábulo Manteigas, muito pouco há a dizer. José David Batista propõe várias hipóteses, desde a possibilidade de se referir a um local onde se faziam boas manteigas, à probabilidade de se tratar de um sobrenome de um grupo familiar que ali se tenha estabelecido (Batista, 1988: 66). Não existe, no entanto, nenhum facto que confirme estas suposições.

Tanto em Manteigas como em toda a Serra da Estrela a criação de gado sempre constituiu um dos alicerces económicos tendo sido, inclusive, um dos principais responsáveis pelo repovoamento da região. Uma vez que a quantidade de solos de fraca qualidade e pedregosos era grande, o pastoreio foi utilizado como uma das formas de aproveitar esses terrenos através da articulação com a cultura de cereais (essencialmente centeio) de modo a satisfazer as necessidades básicas da população residente (Batista, 1990: 38). Um exemplo claro desta necessidade residu na concessão, por parte de D. Afonso V, da regalia de poderem os gados de Manteigas pastar por todo o reino sem pagarem montado (Idem: 38).

Como a maior parte dos concelhos do interior do país, Manteigas tem hoje uma população algo envelhecida. Como se não bastasse, o seu concelho regista uma diminuição populacional na ordem dos 20%, sobretudo a partir da década de 60 do

século XX até aos dias de hoje. As principais causas deste fenómeno assentam essencialmente na estagnação da economia local, resultante da depressão da agricultura e da fraca industrialização no concelho. De certo modo seguindo a tendência nacional, a terciarização da economia aumentou gradualmente no concelho conduzindo obviamente a transformações na estrutura de emprego da região, tal como sucedeu um pouco por todo o país. O sector primário, nomeadamente a agricultura e a criação de gado, foram os sectores que mais sofreram com esta transformação da economia.

Uma vez que o último relatório de “Diagnóstico Social” da Câmara Municipal de Manteigas é relativo ao ano de 2004, os dados relativos ao emprego e à indústria revelam-se obviamente errados e desactualizados. No entanto, não descurando o que se passa um pouco por todo o país, a tendência para que as dificuldades económicas aumentem na região é irremediável.

Para combater o marasmo económico a região possui uma arma de peso que, devidamente estruturada, poderá tornar-se no baluarte da economia do concelho – o potencial turístico. A sua localização privilegiada com características para desportos de montanha e locais únicos a nível nacional e internacional, aliada à proximidade de locais emblemáticos da Serra da Estrela, como a Torre, ou de estâncias de inverno, como as Penhas Douradas, requerem um investimento que vise fomentar o turismo de montanha de modo a desenvolver a economia local.

2.2- Pastores de Manteigas: caracterização

Na vila de Manteigas, como um pouco por todo o país, as gentes ligadas ao pastoreio já não abundam. Contam-se pelos dedos das mãos os pastores que ainda percorrem os caminhos sinuosos da mais alta serra do país, procurando dar alimento às poucas cabeças de gado que ali persistem. Para além de poucos, são na sua maioria pessoas com uma idade considerável e com as naturais limitações que tal acarreta. Mantêm, inclusive, a fisionomia arcaica, que Orlando Ribeiro descreveu no seu valioso estudo realizado entre 1940-41 - *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*. Habitados aos invernos rigorosos da serra, encontram-se perfeitamente acomodados às privações que este tipo de clima os obrigou a ter perante certos aspectos da vida (Ribeiro, 1995: 327).

Não devemos, no entanto, entender o clima como único condicionante da vida de um pastor. Normalmente esta profissão é herdada dos pais o que implica um contacto com o gado desde tenra idade. Uma das principais implicações deste contacto com o gado desde muito cedo, muitas vezes forçado, é a privação da escola. A maior parte dos pastores começou a trabalhar no campo em idade escolar, o que implicava que se escolhesse um rumo desde muito cedo. Para a maioria deles a opção foi, obviamente, fácil – como não gostavam da escola decidiram abandoná-la. Neste aspecto a família tinha um importante papel na decisão. No entanto, a maior parte dos agregados familiares cuja actividade económica era a pastorícia, decidia muito facilmente o futuro dos seus filhos: para eles, o abandono escolar era uma questão lógica, uma vez que a força de trabalho era necessária tanto nos labores agrícolas como no pastoreio do gado. Mesmo em famílias numerosas, como é o caso de quase todas as famílias de pastores da região, a decisão de abandonar a escola desde cedo⁹ em prol da sobrevivência da família, é comum a todos os jovens rapazes. Porém, existem alguns casos onde a decisão não partiu dos progenitores mas das próprias crianças. José Martins Sabugueiro, mais conhecido na vila de Manteigas como “Zé Paisana”, afirmou que, apesar de os pais e avós possuírem gado, sempre lhe deram a oportunidade de continuar a estudar ou de vir a trabalhar noutra ramo, algo que rejeitou prontamente (E01 JP).

⁹ Recorde-se que a escolaridade apenas se tornou obrigatória a partir do ano de 1956, e somente para elementos do sexo masculino e adultos. O período de obrigatoriedade era de quatro anos. (Fonte: <http://www.oei.es/quipu/portugal/historia.pdf>)

É um facto comprovado que o número de pastores tem vindo a diminuir. Nos anos 70 do século XX¹⁰ Alberto Martinho contabilizou no concelho de Manteigas 30 pastores, homens e mulheres. Na época, 20 pertenciam às duas principais freguesias, São Pedro e Santa Maria, enquanto os restantes 12 residiam em casais no Vale da Castanheira. Dos pastores da vila, grande parte deixava o gado em cortes¹¹ existentes no Vale Glaciar do rio Zêzere¹². A faixa etária destes homens e mulheres situava-se entre os 30 e os 79 anos de idade (Martinho, 1978: 32; 40).

Nos dias de hoje contabilizamos cerca de 7 pastores, espalhados pelo Vale do Zêzere e pela Castanheira, essencialmente. Assistimos portanto a uma redução de cerca de 75% da população de pastores das duas principais freguesias do concelho de Manteigas. O pastor mais novo da região tem 29 anos e o mais velho, ainda em actividade, tem 74 anos. Os pastores mais velhos, e com memórias do Vale repleto de gado, têm a plena consciência dos tempos de mudança que a sua profissão atravessa. Se antigamente estas pessoas se viram, de certo modo, obrigadas a seguir a carreira dos pais, avós e bisavós, tal não sucede hoje em dia. A dureza do ofício conduziu os descendentes dos actuais pastores a optarem por outro tipo de vida, com horários e salários fixos, ao contrário do que sucede com a criação de gado, onde não existem domingos nem feriados, e o lucro não é garantido. Para um pastor todos os dias são dias de trabalho, como afirma Vítor, um jovem pastor do Vale:

“isto aqui agora não é trabalho para ir a gente 15 dias de férias e deixar cá o gado.”; “Isto aqui não há férias. Isto agora um dia ou dois tudo bem agora... assim muito tempo não. Ou então tem que estar outro rapaz também, que sabe andar bem acompanhado com o rebanho e saber como é que há-de fazer e deixar de fazer.” (E01 V).

Este fenómeno de mudança deve-se, em grande parte, ao acesso que as novas gerações têm à informação que não havia noutros tempos. A sedução por aspectos de um novo mundo, em parte desconhecido para os seus familiares, atrai os mais jovens para fora das comunidades e estimula-os a procurar outros tipos de trabalho e outro tipo de vida. O facto de a escolaridade se ter tornado obrigatória forçou o contacto com

¹⁰ Mais concretamente em 1978.

¹¹ Nome dado ao curral onde o gado passava a noite. Existem inúmeras cortes espalhadas pelo território da Serra da Estrela.

¹² Nos dias de hoje, a maior parte desses imóveis encontram-se completamente degradados. Uma vez que estas cortes se situam no coração da maior área reservada do país, a reconstrução e os pedidos de obras são extremamente difíceis de realizar devido aos entraves colocados pelo Parque Natural da Serra da Estrela.

outras crianças e com outros aspectos sociais que outrora eram desconhecidos para pessoas que viviam em zonas mais isoladas. Para além do isolamento, o tempo despendido a tomar conta dos animais retirava aos pastores praticamente todo o tempo dos seus dias, o que os impedia de terem contacto com outras pessoas que não outros pastores.

A solidão é, de igual modo, outro dos factores bastante importantes na vida destas pessoas. Se por um lado, nos primeiros tempos é o maior inimigo que um pastor pode ter, por outro, acaba por se tornar um facto ao qual todos se acostumam e que se torna indiferente aos olhos da maior parte. O pastor “Zé Paisana” afirmou, numa das entrevistas, que por vezes não fala com ninguém durante um dia inteiro, mas que como já está habituado, pouco lhe custa (E01 JP, p. 9). Não obstante, o facto de estar sozinho, quando era jovem, causou-lhe alguns sustos, como nos relatou :

“Os primeiros tempos quando eu comecei a guardar, quando era nesta altura, o gado andava muito tempo na serra e dormíamos onde chamam o Matarral, tínhamos lá uma cozinha e um curral, depois dormiam lá. E nessa altura apertavam muito os lobos...foi os primeiros anos que eu as comecei a guardar e quando lá dormia sozinho tinha medo...nessa altura tinha medo...receio de noite. De dia não! Mas de noite arrepiava-me de lá estar sozinho. Às vezes os cães andavam ali para trás e para diante, atrás de lobos...” (E01 JP).

O exemplo dado pelo Sr. “Zé Paisana” é bastante esclarecedor acerca dos primeiros momentos de solidão passados por um pastor num ambiente inóspito e entregue à sua sorte.

De facto, a solidão pode conduzir as pessoas a momentos de medo, isolamento ou até mesmo loucura. “Vitinho”, um ainda jovem pastor do Vale Glaciar, contou-nos que chegou a andar cerca de um mês e meio na Serra sem ter contacto com ninguém:

“Sozinho...cheguei a um ponto que comecei a bater mal...comecei a bater mal, então eu só via pedras, só via giestas, só via todos os dias o gado à minha frente, não falava com ninguém, a bem dizer. Era complicado...porque agora já temos outros tempos, já há telemóveis, há tudo...a gente se precisar já liga ou isto, já passa um bocado de tempo ali à conversa ou assim por telemóvel. Mas nesse tempo a gente começava a bater mal...começava a bater mal estar ali tanto tempo sempre a ver a mesma coisa, sempre a ver isto, sempre a ver aquilo.” (E01 V).

Passar demasiado tempo sozinho torna as pessoas mais retraídas e isoladas, porém, a naturalidade com que estes homens encaram a solidão é de facto espantosa. Para eles, a

privação de convivência é um dado adquirido da profissão e algo a que se habituaram. Todavia, a conjuntura alterou-se, e a abertura a outras realidades e outros horizontes pode vir a ser decisiva para o eclipse de uma das mais antigas profissões do mundo.

O estudo etnográfico levado a cabo não contemplou todos os pastores da região, no entanto a estimativa para o número de cabeças de gado existentes neste momento nas duas principais freguesias do concelho é de cerca de 300 ovelhas e 400 cabras. Estes números revelam-se escassos e, quando comparados com dados relativos a outras décadas, são extremamente esclarecedores quanto à drástica redução de animais na zona. Nos anos de 1940 e 1955, o número de ovelhas na região rondava as 1366 e as 4243 respectivamente. Já o número de cabras no mesmo período correspondia às 1728 cabeças em 1940 e às 2687 no ano de 1955 (Idem: 22). Volvidos alguns anos, os números já eram bastante diferentes: em 1972 o número de ovelhas na região correspondia a 1130, enquanto em 1978 equivalia a 890. Quanto ao número de cabras, em 1972 existiam cerca de 574 cabeças e em 1978 subsistiam 521 animais. Se numa primeira fase (1940-1955) assistimos a um relativo aumento do número de animais, num segundo momento (1972-1978) a tendência inverteu-se completamente e a redução do número de cabeças de gado foi bastante expressiva. Neste período de tempo as ovelhas sempre tiveram maior expressão. Apesar de exigir maior número de cuidados, compensa-os com o rendimento que proporciona, ao contrário da cabra, que é um animal muito mais arisco e resistente do que a ovelha e que, conseqüentemente, se cria com muito menos trabalho e preocupações (Ribeiro, 1995: 355). Devido à capacidade dos caprinos em se alimentar de quase todo o tipo de erva e uma vez que o “seu dente é daninho à cultura e ao arvoredor” (Idem: 355), os concelhos começaram a preocupar-se em diminuir o número de animais devido às preocupações com a florestação.

Em Manteigas, Martinho aponta como principais motivos para o decréscimo de caprídeos a intervenção dos Serviços Florestais, a plantação de pomares de macieiras e a intervenção do pólo têxtil da vila, que conseguiu atrair mão-de-obra que ia ficando disponível e que não emigrou (Martinho, 1978: 29). A florestação e a interdição de certas áreas da Serra aos pastores fez com que se tornasse bastante difícil ter gado e levou a uma grande diminuição do número de cabeças em toda a região serrana, na qual se inclui Manteigas. Igualmente importantes para este decréscimo foram as novas leis que determinavam a vacinação dos animais devido, principalmente, ao agravamento e propagação de doenças como a brucelose. Esta obrigatoriedade fez com que inúmeros

criadores de gado gastassem bastante dinheiro com os animais e não recuperassem, na maior parte dos casos, uma quantia significativa e real pelos animais doentes. Sentiram-se, portanto, injustiçados por defenderem a saúde pública sem serem ressarcidos nas condições por eles requeridas (Idem: 31-33).

Hoje em dia, a maioria dos pastores possui tanto cabras como ovelhas. Dos seis pastores envolvidos no estudo etnográfico, apenas um já não possui gado. Os restantes mantêm-se em actividade.

Manuel Massano Litano, mais conhecido como “Manel Palicho”, é o mais velho pastor de Manteigas, apesar de já não estar no activo. Com 81 anos, é, juntamente com “Zé Paisana”, um dos últimos testemunhos vivos das viagens transumantes conduzidas até os territórios da Beira Baixa portuguesa, nomeadamente até Idanha-a-Nova. De rosto cansado e mãos inchadas, próprias de quem nunca teve vida fácil, passa os dias ocupado com a sua horta - “cultivando, vou plantando umas couvitas, umas batatas, umas cebolas, tudo o que é preciso para uma casa...” (E01 MP). Descendente de uma família onde já o seu avô e o seu pai eram pastores, “Manel Palicho” não teve outra hipótese se não enveredar pela carreira dos seus familiares, pois de 9 filhos, era um dos dois rapazes, e portanto estava obrigado a ajudar nas lides da família. Ainda foi à escola, mas o pai tirou-o de lá para ajudar a guardar o gado juntamente com o irmão. Nas suas palavras:

“a gente que sabe ler, sempre se vai desenrascando por aqui e por além não é? (...) Eu não sabia ler...olhe...era o emprego que a gente tinha. O emprego que a gente tinha era este. Era o gadito e trabalhar aqui no campo um pouco...semear umas batatinhas, ou isto ou aquilo, como tenho agora.” (E01 MP).

Apesar de ter sido pastor desde os 10 anos, após ter emigrado para França “a salto”, em 1969 e de ter regressado acerca de 20 anos, nunca mais foi pastor¹³. Embora demonstre gosto pela sua principal actividade ao longo da vida, evidencia igualmente mágoa por não ter tido direito a escolher outra profissão e de não ter podido dar outro rumo à sua vida¹⁴. Embora seja um dos últimos pastores transumantes, o diálogo arrastado e cansado impediu-o de dar um contributo mais importante a esta

¹³ “Ehh...uma cabrita ou outra...uma cabra ou duas. Tenho-as até...nem saiem além da loja.” (E01 MP)

¹⁴ “Oh... quando era novo eu gostava de tudo, o que é agora já sabe...agora já não me vale de nada (...) se eu continuo (na escola), a coisa era outra, mas ele depois tirou-me de lá...” (E01 MP)

investigação. Preferiu então delegar as funções de narrador e de contador de histórias ao seu companheiro de largos anos, “Zé Paisana”. Ao longo do trabalho etnográfico recusou por diversas vezes falar acerca do tema, alegando que o seu companheiro poderia contribuir de forma mais concreta para a investigação. Todavia, o estatuto e experiência que o Sr. Manuel Massano apresenta levou-nos a tomar as suas curtas declarações na devida conta.

O principal narrador das viagens transumantes tem como alcunha “Zé Paisana”, curioso diminutivo de José Martins Sabugueiro¹⁵. Nascido a 31 de Maio de 1944, conta com uma história de vida extremamente curiosa e cheia de peripécias. Criado com os avós, teve a oportunidade de completar a 4ª classe na escola de Manteigas, algo pouco comum nos pastores da sua idade. Apesar de ter começado a trabalhar na agricultura com 11 anos de idade, afirma não ter sido obrigado a tal - “Eu não quis continuar a estudar. Se não estudava. Queriam que eu estudasse.” (E01 JP). O seu pai foi pastor até ir trabalhar para Angola, altura em que “Zé Paisana” entrou em cena na criação de gado:

“Na altura...não queria estudar...depois os meus avós...o meu pai foi para Angola, quando ele foi para Angola o meu avô deu o gado de meias. Deu o gado de meias, é a dois. Depois entregaram-lhas quando tinha 16 anos, que eu até aos 16 anos não as guardava. Os meus avós queriam-nas vender e eu não deixei. Não deixei...fiquei com elas.” (E01 JP).

E assim começou uma vida que só viria a ser interrompida pela sua presença na Guerra Colonial, onde esteve de 1965 a 1967 na Guiné-Bissau. Uma hepatite forçou a sua vinda para Portugal mais cedo do que o previsto. Entre os 16 e os 20/21 anos “Zé Paisana” realizou inúmeras viagens para os campos da Idanha, já que após ter regressado do serviço militar essas jornadas foram interrompidas por diversos factores que serão explanados mais adiante. De todos os pastores no activo¹⁶, é o único que passou por esta fascinante etapa que conduzia os gados serranos até terrenos mais quentes durante o inverno.

Neste momento, José Martins Sabugueiro é um dos pastores que mais cabeças de gado possui na vila da Manteigas – “Fora as cabras! Tenho cá 97 de lã, 95 ovelhas e 2

¹⁵ Segundo o Sr. “Zé Paisana” todos os pastores e quase todos os habitantes da vila têm uma alcunha. A maior parte delas é herdada dos seus familiares.

¹⁶ Apesar de já estar reformado há cerca de 3 anos continua a possuir cabeças de gado.

carneiros.” (E01 JP), e só é suplantado por um outro pastor. Apesar de reformado continua a ter gado:

“Porque fui criado com isto e custa-me a largar (...) Eu nunca gostei de andar... assim nos cafês... não sou de bebidas... e aborrece-me... vai a gente fazendo consenso ao estrume para semear as batatinhas para mim e para os filhos e mais algum amigo que lá vá semeá-las, e assim... lá a gente anda entretida.” (E01 JP).

No entanto, afirma que os lucros são escassos e que “o dinheiro é para os pastos” (E01 JP). “Zé Paisana” é, portanto, um pastor que não nega as suas origens e que, enquanto puder, e enquanto a saúde o permitir, continuará a apascentar o seu gado entre os pastos do rio Zêzere e os seus terrenos no Vale da Castanheira.

No Vale da Castanheira, local situado entre o rio Zêzere e o rio Mondego, existem ainda algumas cabeças de gado pela encosta fora. Um desses rebanhos pertence a Manuel Paiva Ramos, também conhecido como “Manel Balote”. Homem de origens humildes, não sabe ao certo o ano em que nasceu sem o auxílio do seu bilhete de identidade, apesar de saber que tem 56 anos. É talvez um dos mais pobres pastores que ainda existem em Manteigas. A sua modesta habitação assemelha-se mais a um pré-fabricado de latão do que propriamente a uma casa. Apesar do modo algo grosseiro como fala, é gente de uma hospitalidade e simpatia inabalável. Toda a sua vida foi pastor, profissão que herdou dos pais e avós¹⁷ e que pretende conservar por mais alguns anos. Neste momento tem cerca de 90 cabeças de gado “cabras e ovelhas, tudo à mistura” (E01 MB), e já não precisa de sair com elas para muito longe, uma vez que mantém o gado apascentado nos terrenos perto da sua residência, salvo algumas vezes que tenha que se deslocar até mais perto da vila. É um dos poucos pastores de Manteigas que ainda realiza transumância de curta distância (de verão) para os cumes da Serra da Estrela.

No mesmo Vale da Castanheira pasta o maior rebanho de ovelhas da região. Pertence a António Sabugueiro dos Santos, conhecido por todos como “Tó Querido”. Com 52 anos, ainda relativamente novo quando comparado com os restantes pastores da vila, ainda é primo em segundo grau de “Zé Paisana” por parte do pai. Segundo ele, é pastor desde sempre:

¹⁷ “Não havia outro! (...) Tudo isto já veio sempre de família.” (E01 MB)

“Desde sempre! Olhe...os meus bisavós tiveram...os meus bisavós de parte a parte tiveram, o meu avô teve...os dois avós! O meu pai teve-as sempre. Depois o meu pai faleceu, mas nessa altura ainda estava solteiro...fiquei com elas uma temporada, depois a minha mãe qui-las vender...e depois...mas eu tive sempre cabras...andava a trabalhar e tinha 4 ou 5 ou 6...tínhamos e temos um prédio lá em baixo, comiam lá o pasto...depois casei-me e comprei o rebanho.” (E01 TQ),

e não pretende abdicar da profissão uma vez que a agricultura também não tem dado frutos:

“ a cultura não dá nada! Então já viu, os produtos baratos e as máquinas caras e tudo isso...e mesmo caro, aqui em Manteigas não aparecem pessoas para trabalhar, por dia...Não aparecem! Não aparecem! Se a gente convidar...olha, vamos assar um cabrito ou um borrego, isso aparecem! E para beber uns copos! Agora para trabalhar?! Tem que a gente cultivar conforme as forças da gente e mais nada...” (E01 TQ).

Apesar de ter 5 filhos, três rapazes e duas raparigas, e de estes os ajudarem em diversas tarefas, o seu principal amparo é a esposa, dona de um afinco e de uma dedicação no trabalho de realçar. Neste momento tem cerca de 40 caprinos e entre 95/100 ovelhas, um número muito próximo do máximo que alguma vez teve - 150 cabeças de gado. Dividiu a sua vida entre o Vale da Castanheira e uma casa que os pais tiveram na vila de Manteigas, até se fixar de vez na residência que agora ocupa. Ainda recorda pormenores dessas vivências:

“Os meus pais...quer dizer...de inverno, o gado estava aqui...bem também há aí uma fasezita que íamos lá em baixo aos prédios, também iam lá em baixo...temos lá uma casa e acortavam lá...mas lá em baixo quando era pouco tempo dormiam lá fechadas...mas lá em baixo é mais quente do que aqui, de roda das paredes. O meu antes de ter a casa, antes de fazer lá a casa, dormiu na rua, lá encostado às paredes, fazia-se-lhes cama no chão e na rua, porque não tinha onde as meter. Mas depois o meu pai comprou o prédio, e fez lá uma casa, depois já tínhamos a loja e tínhamos lá o gado...agora eu também ainda lá andei mas fiz um bardo também...quando lá dormia...comprei uma quantidade de madeira, de palheiros, de madeira...e fiz lá assim um bardo de madeira, também de roda de uma parede, com o chocalho tudo assim chispadinho, mas se chovia caía lá! Mas estava lá assim mais quentinho assim com a madeira...porque antigamente não era madeira que se usava...era a rede, de nylon!” (E01 TQ).

Os tempos mudaram e de um Vale repleto de gado e de pastores sobraram apenas dois que, por enquanto, não têm intenções de abandonar o negócio uma vez que é o seu

único sustento. Apesar de não se afigurar tarefa nada fácil, “Tó Querido” faz tudo o que está ao seu alcance para manter o seu gado apascentado e neste momento é o único pastor de Manteigas a realizar transumância de Inverno, não para Idanha-a-Nova mas para Vale de Amoreira.

À medida que percorremos o fabuloso Vale Glaciar do rio Zêzere, apercebemo-nos da existência de diversas cortes abandonadas que outrora pertenceram aos pastores que pastavam os animais naquelas terras férteis. Todas excepto uma – a de José Massano Gabriel, carinhosamente chamado de “Ti Zé Faísca”. Senhor de um vigor inesgotável, é o animador de serviço dos turistas que se aventuram a caminhar pelo vale. É conhecido em toda a vila pela sua simpatia e amabilidade, e procurado por gentes que vêm de longe para comprar o seu queijo, feito em moldes tradicionais à margem das novas regras e princípios alimentares que englobam o fabrico da marca “Queijo Serra da Estrela”. No fundo é ali, pelas mãos do Ti Zé, que se faz o verdadeiro queijo Serra da Estrela – “ainda faço requeijões, ainda faço queijo e eu é que sou o queijeiro! A mulher só os limpa (...) Ainda é o cardo, à antiga! Tudo!” (E01 JF), daí ser tão procurado pelos turistas.

Nascido a 26 de Abril de 1938 numa família de pastores, não sabe ao certo quantos irmãos tinha, mas afirma - “Se fossemos todos vivos éramos um grupo!” (E01 JF). Ainda foi à escola, mas uma vez que o ensino não era obrigatório, e após se envolver num desentendimento com um professor, saiu ao fim de um mês¹⁸. Desde que deixou a escola tornou-se no pastor da casa, percorrendo o vale com as ovelhas do seu pai, não por obrigação mas por gosto. Hoje em dia tem 10 ovelhas e 13 cabras, apenas com duas funções – “É para leite e fazer estrume para as batatas, mais nada.” (E01 JF). No entanto, ter gado também lhe ocupa o tempo e o distrai, apesar de já estar reformado e de ter uma casa na vila de Manteigas, onde passa o inverno e algumas noites de verão. Não se coíbe de defender a sua paixão pelo gado e pela sua pequena corte – “Gosto é disto! (...) Eu gosto disto, aqui do campo. E faço a viagem a pé! (...) Ainda hoje de lá abalei eram 6h, eram 9h e 30min quando cá cheguei!” (E01 JF). O “Ti Zé Faísca” é o exemplo de um pastor que precisa do seu habitat para viver o dia-a-dia com um sorriso na cara e não se inibe de o distribuir a todos os transeuntes dos caminhos de terra batida do vale. Correndo de um lado para o outro ou sentado à beira de um rio Zêzere de

¹⁸ “Levantou-me no ar e disse-me : vai guardar chibos!. Que fosse guardar chibos e depois eu esmurracei-o, arranquei até carne! E diz ele: olha, isto é um lobo!” (E01 JF)

caudal afável, “Zé Faisca” é presença assídua no vale, e o último pastor de uma geração que outrora povoou e encheu de vida o Vale Glaciar do rio Zêzere.

Hoje em dia há apenas uma pessoa que faz companhia ao “Ti Zé Faísca” no enorme vale de 13 km de extensão, que se estende do Covão d’Ametade até Manteigas, o seu sobrinho Vítor Manuel Massano Paiva Abrantes. Mais conhecido por “Vítinho”, este é o mais novo pastor de toda a região de Manteigas e, provavelmente, o último. Vítor nasceu no seio de uma família de pastores a 25 de Maio de 1983 e é o mais novo elemento de sete irmãos. De todos os pastores entrevistados é o único que não é casado nem tem filhos, e tem ao seu cuidado um irmão que sofre de perturbações mentais. Frequentou a escola até ao 3º ano, altura em que os pais o recrutaram para ajudar a guardar gado juntamente com o pai, uma vez que só começou a guardar gado sozinho com 12 anos de idade¹⁹. Recentemente, e graças à ajuda de uma família residente na vila, Vítor retomou os estudos numa instituição de formação agrícola, numa localidade perto da Guarda²⁰, tendo concluído o 9º ano de escolaridade no passado ano de 2012. Foi, portanto, forçado a escolher a profissão que desempenha hoje em dia e, apesar de ainda acalentar o desejo de vir a exercer outro tipo de ofício, não se mostra muito crente quanto a isso – “até gostava de ter outra mas não há oportunidade...olha...paciência. (...) um gajo não vale a pena desistir.” (E01 V).

Em meados de 2012 vendeu as ovelhas que tinha e dedicou-se unicamente à criação de caprinos, tendo neste momento cerca de 300 cabeças, entre “pequenos e grandes” (E01 V):

“Porque a ovelha comi-a me aí o dobro da erva e depois era muito mais complicado para arranjar aqui mais erva, tinha que sair para Vale de Amoreira ou tinha de sair para Valhelhas com elas...era mais complicado depois andar de viagem para cima e para baixo...a cabra aguenta-se mais no mato.” (E01 V).

Embora ainda muito novo, tem a seu cargo um grande número de tarefas para garantir a sua subsistência e a do irmão que mora com ele. Durante o dia, quem se encarrega do pastoreio é o irmão, que apesar das limitações consegue dar conta do recado, enquanto Vítor está incumbido de trabalhar na agricultura. Porém, também é ele

¹⁹ “Aos 12 anos já tomava conta de uma pastoria de gado com 100 cabeças de gado, aqui no vale glaciar. (...) De inverno. Agora de verão e de primavera era sempre às 300, 300 e tal. Chegámos cá a ter 400 e pouco. Andava sozinho com elas lá em cima na Candeeira, Torre.” (E01 V)

²⁰ Vítor concluiu os estudos na Confederação dos Agricultores de Portugal, situada na Quinta das Relvas, no Porto da Carne, Guarda.

que trata do gado no regresso a casa – “tenho de fazer cama, tenho que lhe deitar feno, tenho que tirar os estrumes, lhe dar comer e tudo...” (E01 V). Ambos têm uma casa na vila onde vão dormir nos meses mais frios de inverno, todavia, a partir de Abril/Maio, a sua casa passa a ser uma pequena roulotte instalada em pleno coração do vale, até meados de Outubro, mês em que regressam à vila.

Como é o pastor mais novo, é talvez aquele que mais se tem preocupado com o seu futuro e com o futuro da profissão na região. “Vítinho” sente-se triste e injustiçado por achar que as burocracias estão a acabar com o ofício e por não serem criados apoios que fomentem a fixação de mais jovens no negócio – “Se apoiassem mais aos jovens, mas isto aqui, a gente quer-se lançar, tudo por nada complicam logo as coisas...depois estão sempre tudo com o medo. Isto está tudo com medo...” (E01 V). Apesar de o cenário ser negro, não pensa contudo abandonar o seu ganha-pão – “até agora não desisti, também não é agora que vou desistir. (...) Porque isto aqui está...os empregos está tudo mau, está tudo mau...a gente não vê aqui outro buraco para sair, tenho que continuar com o gado e mais nada. Tenho que continuar...” (E01 V). É portanto bastante provável continuar a ver “Vítinho” apascentar o seu gado pelas imediações do Vale Glaciar durante muitos mais anos.

Os campos do Vale do Zêzere parecem reflectir na perfeição a quase inexistência de gado por estas paragens, por se encontrarem verdejantes e com pasto suficiente para os poucos animais que ainda por ali se alimentam. Há algumas décadas atrás o cenário era bem diferente como recorda “Zé Paisana”:

“Uh! Por todo o lado havia gado...antigamente...aqui o vale do Zêzere, aqui o do glaciar, por aqui a cima isto tinha praí muito gado e aqui do vale de Manteigas...aqui onde chamam Pandil só cabradas havia lá umas 4 ou 5. O mato não crescia como agora cresce. Abalavam umas, vinham outras, roíam tudo! Agora não...agora elas nem o querem... o pouco que há nem o querem. As minhas sabem lá o que é mato! As minhas ovelhas se as levar para o mato dizem que o coma eu!” (E02 JP e MP).

Se no passado havia demasiado gado para os pastos que existiam, hoje em dia a questão é algo diferente. Apesar de existirem menos cabeças de gado, a seca e os invernos rigorosos²¹ continuam a fazer parte do quotidiano das gentes que se dedicam à

²¹ Em climas temperados, o crescimento das plantas de prado e pastagens permanentes inicia-se a cerca de 5 graus centígrados; o crescimento abundante só é atingido a partir de cerca de 10 graus centígrados. Para as principais gramíneas o melhor crescimento situa-se entre os 17 e os 21 graus centígrados. Acima

criação de gado. No entanto, actualmente pode-se alimentar os animais durante os meses mais frios e mais quentes à base de forragens, algo que quase todos os pastores da região fazem, como por exemplo “Zé Paisana” – “Semeio-lhe milho. Semeio muito milho. No tempo da seca comem milho. A gente já não quer andar a dormir...” (E01 JP). Presentemente os criadores de gado optam por se dedicar a explorações agrícolas que acabem por garantir o sustento dos animais durante os períodos de clima pouco temperado (Oliveira; Silva, 2000b: 10). No entanto, há quem não consiga produzir forragens para alimentar o gado durante o inverno, como por exemplo o pastor “Vitinho”, que tem que se deslocar para resolver o problema – “vou lá para baixo recolher feno para Vale de Amoreira, depois para lhe deitar de inverno, que é muito mais difícil.” (E01 V). Todavia, existe ainda quem sobreviva apenas com o que a serra lhe continua a dar, sem forragens e sem proceder a nenhuma viagem transumante de inverno, caso do Sr. “Manel Balote” – “Sempre! Aqui...vou até a baixo a Manteigas com o gado comer às pastagens (...) Eh, temos que ir até Manteigas e de Manteigas para aqui...já não se vai para fora, como antigamente iam os antigos! Aqui já não há gado.” (E01 MB).

Apesar da clara redução nas cabeças de gado, Vítor Abrantes referiu que o pasto que hoje existe no Vale Glaciar não é suficiente para o seu gado ao longo do ano, e apontou como principal causa a inexistência de limpeza de mato na serra:

“Em primeiro havia cá muito gado e havia mais pasto e tudo. Agora as serras estão muito mais sujas... muito mais sujas, muito mais mato, não há limpeza, não há nada...não há pasto suficiente para o gado. Mesmo agora é muito menos gado que cá há, e não há pasto suficiente para o gado. (...) Em primeiro estava aqui a serra muito mais limpa, invernavam-se aqui 200 cabeças só de inverno, aqui quase sempre só na serra. (...) Estava a serra mais limpa e rebentava muito mais comida e tudo.” (E01 V).

“Vitinho” aponta como principal culpado pela ausência de acções de desflorestação o Parque Natural da Serra da Estrela, destacando a importância das queimadas na revitalização dos pastos, algo que deixou de ser utilizado pelas autoridades competentes:

“O Parque mesmo agora não deixa fazer nem queimadas nem...eles certas queimadas eram para eles mesmo fazer e limparem os trilhos e tudo e não deixam fazer, nem o Parque...E depois os sapadores

dos 25 graus centígrados o crescimento diminui bastante e cessa a partir dos 30-35 graus. (Klapp, 1986: 78).

também...onde há estradas tudo bem, agora onde não há estradas, só querem é passear com os carros para trás e para a frente.” (E01 V).

Apesar da compreensível revolta, é preciso ter em conta que a zona do Vale Glaciar está em pleno coração do Parque Natural, uma área de elevado interesse natural e geológico e que tal envolve várias restrições no que diz respeito a certas práticas aí realizadas.

Para um pastor com 300 cabeças de gado torna-se claramente mais complicado de arranjar pasto do que para alguém que possua apenas cerca de três dezenas. O caso do “Ti Zé Faísca” é bem diferente do seu sobrinho. Uma vez que tem um reduzido número de animais, não tem necessidade de se deslocar para lado algum em nenhuma altura do ano, e muito menos de dar forragens ao gado. O Vale do Zêzere continua a ter alimento suficiente para fornecer alimento às suas 10 ovelhas e 13 cabras e pode, inclusive, dar-se ao luxo de cortar o pasto que existe nos terrenos onde apascenta o gado por considerar que existe em demasia.

A chave para evitar o esmorecimento e desaparecimento do gado nos campos do Vale do Zêzere pode estar, segundo “Vitinho”, no fabrico de queijo da região através da criação de uma queijaria nas imediações da vila, para onde os pastores pudessem escoar o leite. Apesar de tudo, aponta o dedo à desunião entre os poucos pastores que por ali apascentam os seus gados:

“ninguém quer vir buscar o leite aqui a esta zona. Ninguém quer vir buscar porque aqui é um buraco quase sem saída. Já há muitos poucos pastores, e aqui os pastores que há, cada um agora já puxa para seu lado. (...) Aqui a gente, se fossem assim todos unidos ou assim era capaz de se arranjar uma fábrica que viesse cá buscar. Mais boas condições, se desse apoio a quem se quisesse lançar aí com uma fábrica de queijaria, uma queijaria, aí é que eram umas boas condições, que aqui muita gente arranjava gado com força e tinha logo para vender o produto.” (E01 V).

Segundo este jovem, a criação de uma fábrica poderia ser a solução para que outras pessoas se voltassem para a criação de gado e encarassem a profissão com bons olhos:

“Porque ou a gente, hoje em dia aqui desta zona, aqui deste buraco, ou temos que dar o produto ao desbarato, para o virem cá buscar ou se não ninguém quer cá vir. Que aqui agora se estivesse aqui uma fábrica, eu acredito que ainda se arranjavam cá 2000 cabeças de gado. Se tivesse a gente para onde esgotar o produto.” (E01 V).

Mais uma vez Vítor delegou responsabilidades para o Parque Natural na criação de condições para a fixação de mais pastores no coração da área protegida:

“a Junta e o Parque em vez de andar a passear com os carros para baixo e para cima a gastar gasóleo, limpavam essas matas, limpavam ali os baldios, faziam umas queimadas, um ano queimavam 1000 metros, outro ano queimavam outros 1000 metros que aquilo é só giestas, é só piornos é tudo...ficava mais...melhor para eles e melhor para quem lá anda na serra” (E01 V).

Todavia, a actividade pastoril não é apelativa para a maior parte da população que não teve, de certo modo, algumas ligações ao ramo durante a sua vida. A taxa de insucesso para pessoas que se dedicaram à criação de gado, devido aos projectos de apoio desenvolvidos nas últimas décadas, são altíssimas, e a maior parte abandonou o negócio assim que pôde. Para existir sucesso nesta actividade profissional é indispensável uma proximidade e convivência quase diária com os animais desde tenra idade, para que se desenvolva um carinho especial por eles e pelo próprio ofício (Barbosa e Portela in Oliveira e Silva, 2000b: 100).

As alterações ocorridas no pastoreio, não só no Vale Glaciar como um pouco por todo o país, não se limitam à redução das cabeças de gado e à diminuição de pastos em boas condições para o apascentamento dos animais. Ao longo dos anos diversas transformações foram ocorrendo no universo da pastorícia conduzindo à criação de novos hábitos e novas práticas. Contrastando com a azáfama e o corrupio que era guardar um rebanho há algumas décadas atrás, hoje em dia os pastores encontram a sua tarefa facilitada com novas técnicas que lhes permitem vigiar o gado com maior sossego e tranquilidade. Um dos novos elementos introduzidos no pastoreio moderno foi o fio eléctrico, instalado num perímetro onde o gado anda livremente, e que é destinado a dar pequenas descargas eléctricas aos animais como forma de aviso. Esta técnica trouxe um pouco de calma à sempre agitada vida de pastor, como atesta “Zé Paisana” – “agora em havendo o fio eléctrico já guarda melhor o gado, mas antigamente a gente não dobrava pé...tinha que andar na frente...” (E01 JP).

Fruto dos tempos modernos e de uma maior consciencialização dos problemas e riscos sanitários que a criação de gado pode acarretar, a vacinação e desparasitação dos animais tornou-se prática corrente e obrigatória. Uma das mais perigosas doenças e que atinge desde ovinos, caprinos, suínos, canídeos e inclusive o homem, é a brucelose.

Apesar de ter uma distribuição geográfica limitada, continua a ser um problema na região mediterrânica, atingindo sobretudo pequenos ruminantes (Vala e Esteves in Oliveira e Silva, 2000b:163). Os principais meios de contágio desta doença são o leite, tecidos animais, urina, sangue, secreções brônquicas, e as vias de entrada do agente são, preferencialmente, a genital, oral, nasal e cutânea (Idem: 164). Outra doença a ter em conta nos países mediterrânicos, e que afecta ovinos e caprinos, é a agaláxia contagiosa, e afecta principalmente fêmeas em lactação e após o parto (Ibidem: 166). As consequências desta enfermidade podem ser bastante significativas na produção e na qualidade do leite, e pode inclusivamente conduzir à atrofia do úbere ou mesmo à morte do animal (Ibidem: 167).

Apesar de os pastores desconhecerem os verdadeiros termos técnicos das doenças, a maioria sabe perfeitamente todas as vacinas que os seus animais têm que levar e detectam copiosamente qualquer problema que apresentem. “Zé Paisana” lembrou as mudanças que sucederam ao nível dos riscos sanitários dos animais:

“Antigamente nunca me lembro de desparasitarmos o gado...nunca me lembro, nem vacinas como agora! Ou ou...Agora de meio em meio ano levam a vacina contra a galásia, a mito-galásia, a febre aftosa. Levam outra que é contra a vaceia, o vasquilho e um desparasitante para matar a bicharada. (...) depois há outro que se chama soro biótico, quando começa a faltar o leite, querem assentar...é assim...e há uma pomada que é mestadina também para se lavar o úbere quando elas começam o leite a faltar...que l'incha...é assim...” (E02 JP e MP).

Do mesmo modo, também “Vitinho” se mostra instruído para uma tarefa que requer a máxima atenção – “Muitos dizem, isto aqui é fácil, é só abrir a porta e coiso, não! Isto tem que se saber dar a volta, ver qual é a doença, se às vezes aparece uma doença qual é... tem a gente, tem que já andar um tempinho já ali a acompanhar os animais.” (E01 V). Ser pastor é muito mais do que andar com o gado, é percebê-lo e conhecê-lo como as palmas das mãos.

2.2.1- Queijo Serra da Estrela

Partimos do princípio que numa exploração de gado ovino as principais finalidades são a obtenção de leite e de lã. Todavia, estes dois produtos têm sofrido ao longo dos

anos uma incrível desvalorização no mercado interno. O queijo, por exemplo, continua a ser um produto de excelência e uma imagem de marca da Serra da Estrela. No entanto, os moldes de fabrico e a sua qualidade alteraram-se e, diz quem sabe, “agora se quiserem aqui comer queijo, mesmo queijo da serra da estrela cá da zona, de pastores, não há! Não há mesmo.” (E01 V). Para além do “Ti Zé Faisca”, o único pastor que ainda faz queijo é o Sr. “Zé Paisana”, mas apenas em condições excepcionais – “Faço, quando a fábrica deixa de levar o leite, de Junho em diante.” (E01 JP). A produção artesanal do típico queijo da serra²² está em risco de se perder totalmente devido, essencialmente, a questões relacionadas com normas de fabrico, cuidados acrescidos em termos de higiene, novos modos de manejo dos rebanhos e a uma maior organização dos produtores (Martinho e Matos, 2009: 4). Este facto constitui mesmo um factor de desmotivação para os produtores de gado, uma vez que as normas relativas à produção de queijo e as exigências de certificação para que este seja considerado DOP²³ Serra da Estrela tornam o queijo num produto ainda menos rentável do que é realmente (Idem: 5). A produção de queijo em fábricas deixa muito a desejar quando comparado com a produção regional. Em primeiro lugar o leite de ovelha, já de si muito diferente dos restantes, revela alterações significativas ao nível da estrutura molecular devido aos transportes a que é submetido; em segundo e último lugar, está provado que o poder coagulante e componente enzimático do cardo concerne um aspecto aveludado ao queijo, algo impossível de reproduzir nos moldes fabris (Pinto, in ANCOSE, 1992: 7-8). “Vitinho” considerou impossível produzir queijo como antigamente e revelou os entraves colocados pelas entidades responsáveis:

²² “O Queijo Serra da Estrela produz-se a partir de leite cru estreme de ovelha da raça Bordaleira Serra da Estrela e o seu fabrico é artesanal. A ordenha é manual e ao leite, de pois de aquecido em banho-maria a uma temperatura próxima dos 28° C, é adicionada uma infusão de cardo (*Cynara cardunculus*, L.). O processo de coagulação demora cerca de 60 minutos e a coalha sofre um esgotamento lento, sendo colocada num cincho, apertada com as mãos e mantida sob pressão até ao esgotamento total do soro. A sua maturação é feita em ambiente a rondar os 90% de humidade relativa e com temperatura oscilando entre 6° C e 12° C. Durante este processo de maturação o queijo é lavado e virado com frequência, de modo a que a sua crosta se mantenha lisa e limpa. Após um período de cerca de 40 dias, o queijo está pronto a ser consumido. De pasta semi-mole, amanteigada, de cor branca ou ligeiramente amarelada, com poucos ou nenhuns olhos, é um queijo curado, com forma de cilindro baixo, regular, com abaulamento lateral e um pouco na face superior, sem que os bordos estejam bem definidos. O diâmetro varia entre 15 cm e 20 cm, a altura entre 4 cm e 6 cm e o seu peso oscila entre 1 kg e 1,7 kg.” (Martinho e Matos, 2009: 11)

²³ Denominação de Origem Protegida. “Desde o dia 12 de Junho de 1996 através do Regulamento CE nº 1107/96 da Comissão, o Queijo Serra da Estrela é registado como DOP, impedindo o seu fabrico fora da sua zona geográfica de produção.” (Martinho e Matos, 2009: 19)

“A ASAE diz que tem isto, tem aquilo...levam os de fábrica, chegam, vêm buscar o leite, leva um produto, chega à fábrica leva outro produto...então aquilo andam a comer é só ácidos e é outra coisa...agora queijo da serra já não há! (...) Aqui a gente vende queijo, vende leite de ovelha, o leite de ovelha, sim senhora. Lá, levam leite de cabra, para o leite de cabra também. Chegam à fábrica juntam tudo e fazem queijo que é de ovelha. E levam o de vaca e tudo e chegam lá e despejam tudo. Aqui o leite nosso, aqui da zona vai para Espanha. O leite de segunda qualidade de Espanha é que vem para Portugal.” (E01 V).

Apesar da revolta, a legislação existe para ser cumprida e, embora haja pessoas como o “Ti Zé Faísca”, a maior parte não se quer sujeitar a entrar em incumprimento legal pois as multas podem conduzir ao fim do negócio de gado – “Agora, se a gente é apanhado a fazer queijo para vender, não chega gado nem chega o que tem a gente...” (E01 V).

Vicente da Costa Pinto, membro da Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral à data do 10º aniversário da ANCOSE (em 1992), atestou, na comunicação que proferiu nas jornadas comemorativas, as diferenças entre a produção artesanal e a produção de queijo em queijarias. A fase de maturação é extremamente importante para tornar o queijo um produto apetecível e de qualidade, e as caves com chão de terra batida que os produtores de queijo tradicionais possuíam eram um excelente regulador de humidade, porém, com níveis de higiene algo deficientes. No entanto, as fábricas destinadas à produção de queijo, com tectos com cerca de 3 metros, revestimento das paredes a azulejo, chão ladrilhado e material de inox também não são propícias ao fabrico de queijos com a qualidade dos artesanais, capazes de fazer as delícias dos grandes apreciadores (Pinto, in ANCOSE, 1992: 10).

Hoje em dia, para se candidatar à certificação, com base nos parâmetros DOP, o produtor tem que obedecer a determinadas condições – estar inserido na Área Geográfica de Produção do Queijo Serra da Estrela que engloba 18 Concelhos (9 da Beira Interior e 9 da Beira Litoral); o leite deve ser proveniente apenas de ovelhas das raças Serra da Estrela e/ou Mondegueira; possuir uma queijaria com licença de laboração passada pelos Organismos Oficiais; ter o rebanho saneado, confirmado pela posse de um documento que demonstra que, após análises sorológicas, os animais estão isentos de brucelose (Martinho e Matos, 2009: 20).

2.2.2- Lã

A história da lã como matéria-prima remete-nos a um passado longínquo e de intensas ligações entre o homem e a natureza. Até hoje nenhuma fibra sintética se equiparou ao conforto, resistência e beleza desta fibra de origem animal. Caracteriza-se por ser isolante da temperatura, absorvente da humidade, quente, não inflamável, amortecedora do som e por ter um aspecto lúcido e feltrante (Pinheiro, 2008a: 106). Antes da disseminação da cultura do algodão, a lã foi a principal fibra utilizada pelo homem desde a Antiguidade greco-latina até à Idade Média. Desde então, a sua produção a nível mundial tem aumentado copiosamente e nos anos 90 do século XX atingiu cerca de 1,2 biliões de toneladas. Todavia, a distribuição espacial da ovinicultura é bastante desigual ao longo do globo apesar de existir em diversos ambientes totalmente diferentes, como a Islândia ou a Austrália (Idem: 112).

Durante vários séculos a indústria da lã esteve confinada ao hemisfério norte, porém, a crescente industrialização levou o negócio a expandir-se para outros locais do globo, nomeadamente para o continente australiano. A importância económica adquirida pela lã australiana nos mercados mundiais conduziu a uma clara desvalorização do produto noutras zonas do planeta e, conseqüentemente, a quebras bruscas na produção (Ibidem: 114). Não obstante, o continente europeu, e Portugal, continuam a ter um certo peso na indústria de lanifícios, apesar de competirem com países como o Uruguai, Argentina ou África do Sul que têm cada vez mais apostado na criação de empresas bem equipadas e que beneficiam claramente da mão-de-obra barata para aumentarem os seus lucros (Ibidem: 115).

Consequência desta conjuntura, também em Portugal a lã é hoje um produto em clara desvalorização no mercado. Diz o pastor “Tó Querido” que “a lã...antigamente ainda rendia bom dinheiro...agora não dá para o vinho nem para a cerveja...e a gente pagar ali caro. (...) Há muita gente que a aventa! Dão poucochito dinheiro por ela aventam-na.” (E01 TQ). Esta não é uma opinião isolada uma vez que a maior parte dos pastores partilha deste sentimento. “Zé Paisana” afirmou – “A lã não dá para o corte! (...) Nós pagámos à volta de 300 escudos cada...cortarem a lã...300 escudos, 1,5 €... a lã não me dão se calhar 50 € pela lã toda!” (E01 JP).

A tosquia é feita uma vez por ano, geralmente a partir dos meses de Abril e Maio, altura em que a temperatura começa a subir. Este procedimento tem por hábito dar-se na época seca de modo a evitar o aparecimento de doenças pela exposição dos animais à chuva. Para além disso, a tosquia facilita a deslocação dos animais e alivia-os da lã durante o tempo mais quente, uma vez que geralmente, era feita de forma total, ficando o animal completamente despido. Todavia, também existia a tosquia parcial do animal, com fins essencialmente higiénicos, uma vez que era realizada para facilitar e tornar mais asseada a ordenha (Chambino, 2008:45). “Ti Zé Paisana” considerou este procedimento como inevitável, apesar de pouco ou nada lucrativo – “A lã é um desperdício...mas temos que lhe a tirar, porque elas não podem andar com ela...se não não comem com o calor.” (E01 JP).

Ao longo dos anos, também os instrumentos utilizados no processo da tosquia se foram aperfeiçoando, passando pelo force, tesoura de pentes, até chegar às modernas máquinas de tosquiar. Hoje em dia é raro os pastores recorrem à tesoura, exceptuando em alguns contextos domésticos em que isso ainda possa vir a suceder (Chambino, 2008: 58).

Apesar das muitas vantagens que a tosquia trazia aos animais, o principal interesse desta actividade era claramente o aproveitamento da lã destinado à produção de artigos de utilidade para o homem, tais como tecidos ou cobertores (Idem: 45). A inexistência de fábricas para onde escoar o produto e a forte competitividade externa faz com que, nos dias de hoje, a lã perca valor de mercado e isso reflecte-se no pagamento feito aos criadores de gado.

No importante estudo levado a cabo pela Universidade da Beira Interior, editado em 2008, “Rota da Lã Translana”, Elisa Pinheiro destacou o papel de Manteigas no contexto da indústria de lanifícios nacional – “Em pleno coração da Serra da Estrela, no vale do Zêzere, Manteigas assume-se não apenas como o mais representativo centro histórico do pastoralismo luso, mas, igualmente, como um centro industrial de lanifícios. Em 1680, fora aqui instalada, por influência do Conde da Ericeira, uma manufactura com apoio estatal, destinada à produção de sarjas e baetas, que contribuiu para o desenvolvimento da actividade dos lanifícios e a sua manutenção até ao presente. Salientam-se, neste percurso, as empresas *Matos & Cunha, L.da* e *Sotave – Sociedade dos Amieiros Verdes, S.A.*, aqui fundadas no séc. XIX.” (Pinheiro, 2008b: 9).

Desde o século XVII que várias empresas de lanifícios se sediaram nas duas freguesias de Manteigas, sendo que a pioneira foi a *Fábrica de Sarjas e Baetas/Isabel &*

Cleto (Idem: 815). A partir desse momento instalaram-se na vila cerca de 12 fábricas de produção de lanifícios, 3 na freguesia de Santa Maria, e as restantes 9 na freguesia de São Pedro. A maior parte destas indústrias datam do século XIX e da primeira metade do século XX. Todavia, apesar de já ter constituído um dos mais importantes centros industriais de lanifícios, hoje em dia a vila conta apenas com uma fábrica em funcionamento, no Lugar dos Amieiros Verdes na freguesia de São Pedro – *Lanifícios Império de Esteves, Santos & Botelho, L.^{DA}* - já que as restantes fecharam as portas.

2.3- Parque Natural da Serra da Estrela: uma visão bicéfala

O Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) engloba uma área montanhosa situada no centro-este do território português e abrange os concelhos da Guarda, Seia, Celorico da Beira, Manteigas, Gouveia e Covilhã. Criado em 1976 com uma área de 52 000 hectares, foi mais tarde, em 1979, ampliado para 101 000 hectares. Em 2007 sofreu nova revisão e a área do Parque ficou estabelecida nos 88 850 hectares. Ocupa uma área de média e alta montanha e abrange o ponto mais alto do território nacional continental, com 1993 metros. O carácter único das zonas mais elevadas da Serra da Estrela é determinante para o isolamento reprodutor de fauna e flora. Este factor contribuiu para a designação pelo Conselho da Europa, em 1993, de uma Reserva Biogenética de 10 610 hectares, que representa cerca de 12% da área total do Parque²⁴.

Este organismo encontra-se inserido no Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), um instituto público integrado na administração indirecta do Estado, dotado de autonomia administrativa, financeira e património próprio. Os propósitos e objectivos desta instituição encontram-se descritos no Decreto-Lei n.º 135/2012, de 29 de Junho - “O ICNF, I. P. tem por missão propor, acompanhar e assegurar a execução das políticas de conservação da natureza e das florestas, visando a conservação, a utilização sustentável, a valorização, a fruição e o reconhecimento público do património natural, promovendo o desenvolvimento sustentável dos espaços florestais e dos recursos associados, fomentar a competitividade das fileiras florestais, assegurar a prevenção estrutural no quadro do planeamento e atuação concertadas no domínio da defesa da floresta e dos recursos cinegéticos e aquícolas das águas interiores e outros diretamente associados à floresta e às atividades silvícolas.”²⁵ A gestão do Parque Natural encontra-se a cargo do ICNF que, através de brigadas territoriais, assegura o bom funcionamento do mesmo.

Os princípios conservacionistas do Parque trouxeram alterações ao quotidiano dos pastores de toda a área reservada, incluindo aos de Manteigas. A introdução de regras de conduta e de certas restrições aos rebanhos geraram um conflito de interesses entre pastores e PNSE. Apesar de reduzidas, as contendas entre as duas “facções” encontram-se hoje em dia algo apaziguadas. Todavia, a relação entre as duas partes está longe de se encontrar serenada.

²⁴ Fonte: <http://www.cise.pt/pt/index.php/serra-da-estrela/parque-natural>

²⁵ Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/icnf>

Durante esta investigação sentimos necessidade de confrontar as duas partes e tentar perceber os dois pontos de vista. Para tal, para além de abordar este assunto junto dos pastores entrevistados, fomos ao encontro de um responsável pelo ICNF, cuja identidade preferiu ocultar.

Segundo este encarregado, o aspecto conservacionista do PNSE, no que diz respeito à fauna e flora, é algo que se sobrepõe a todos os restantes aspectos:

“A principal função é a conservação dos valores naturais, em termos genéricos é exactamente isto. Da flora e da fauna...obviamente que depois há um conjunto de espécies características, típicas, algumas até únicas, que têm um cariz conservacionista muito superior, ou seja, cuja exigência de conservação é manifestamente superior. Mas globalmente é isto, até porque foram estes os princípios que estiveram subjacentes à criação do Parque. (...) o pastoreio enquanto tal não é preocupação de conservação está a ver? Agora o que decorre do pastoreio é que poderá interferir com a conservação (...) o pastoreio tem por um lado vantagens porque vai fazendo o controlo dos matos por exemplo e de espécies menos desejáveis mas simultaneamente também tem a outra componente de destruir e comer espécies que eventualmente possam ser protegidas (...) Ou seja nós temos que jogar aqui, o pastoreio tem que ter um ponto de equilíbrio entre as vantagens que causa e as desvantagens que eventualmente provoca. (...) Por isso é que a questão do pastoreio tem esta ambiguidade e muitas vezes nós temos é que gerir o pastoreio nestes moldes, na sua componente vantajosa e na sua componente de desvantagens.” (E01 AB)

O pastoreio é encarado por este organismo como uma actividade que pode ser bastante nociva para a fauna e flora da área, causando-lhe danos inevitáveis. A profissão de pastor na Serra da Estrela encontra-se de certo modo ameaçada pelo controlo rigoroso levado a cabo por este organismo, que só admite uma continuidade mediante a aceitação de um determinado conjunto de regras:

“estou perfeitamente de acordo desde que ela se compatibilize com os valores naturais que estão no local, que seja feita de forma regrada, estou perfeitamente de acordo. É uma actividade ancestral, uma actividade que teve um grande interesse na região, e continua a ter. Hoje a marca “queijo Serra da Estrela” continua a ser uma marca de referência nacional daí que penso que é perfeitamente compatível com o Parque Natural. Claro que temos que definir regras, temos que dar orientações específicas, temos que direccionar um pouco mais os pastores para aqui e para além, mas isso é um trabalho de compatibilização que pode perfeitamente ser feito. Inclusive nós temos acções de fogo controlado que têm vindo a decorrer nos últimos anos exactamente para criar condições para que nós possamos direccionar os pastores para determinados sítios, para determinados locais, em detrimento de outros onde possam provocar estragos.” (E01 AB)

É o PNSE quem define directrizes relativas à maior parte dos traçados que são realizados pelos rebanhos neste momento. Segundo alguns testemunhos orais recolhidos junto dos pastores, este facto tem-lhes causado algum desconforto. A privação de uma total liberdade na escolha dos pastos baldios tem dificultado a alimentação dos animais na maior parte da área protegida.

O elemento do ICNF entrevistado confessou não ter conhecimento acerca de quezílias entre a entidade e os pastores, apesar de reconhecer que no passado ocorreram alguns problemas:

“Não acho que não...é assim, desde que haja a tal compatibilização...até ao momento não tenho ideia que os senhores tenham sido recriminados ou tenha havido qualquer problema a esse nível. Pronto é assim, os problemas aconteceram no passado, na altura da florestação, em que houve uma grande incompatibilidade entre aquilo que era o gado e as plantas jovens, mas penso que no presente esse tipo de problemas não existe. (...) as árvores jovens são cada vez menos, em termos de sementeiras e plantações. Alguma coisa que vai havendo resulta de regeneração, mas pronto estamos a falar de coisas não muito significativas e daí que, no que tem chegado ao meu conhecimento não tem havido grandes problemas, portanto, grandes atritos em termos de conservação do Parque e os pastores.” (E01 AB)

Para a população de pastores de Manteigas, é difícil compreender certos aspectos levados a cabo pelo PNSE, nomeadamente em termos da realização de “queimadas” ou da construção de alguns anexos. “Vitinho”, o jovem pastor do Vale Glaciar do rio Zêzere, já por várias vezes enfrentou problemas colocados pelas autoridades competentes:

“às vezes a gente começa a fazer aí queimadas em Outubro e depois eles vêm aí chatear. (...) E às vezes a gente também quer acrescentar aí uma cortezita para o gado, começam logo a chatear e a gente manda-os passear. (...) A gente manda-os passear. Então hei-de meter o gado...vou o lá meter ao Parque? Eles agora já não ligam tanto... Diz que era zona verde e que a gente não podia aqui mexer numa pedra, nem fazer agora aí cortes de zinco nem nada, mas isso aí em primeiro era tudo de palha, mas agora já não ligam a isso. Em primeiro a gente não podia aí por uma folha de zinco em cima de uma corte nem nada. Queriam tudo de palha.” (E01 V)

As críticas em relação à política de restrições impostas pelo PNSE são partilhadas por quase todos os pastores da região que, com muita ou pouca razão, sempre vão apontando o dedo à entidade:

Isso o Parque deu caminho de tudo! Se a gente quer fazer...olhe eu tenho além...daqui não se vê...tenho além uma corte, e já lá tenho já o zinco, até lá está já dentro (...) Não deixam fazer! Não deixam! Fiz aqui um barracão para o gado, um barracão grande...não queriam deixá-lo fazer. (...) Têm posto aí muitas dificuldades...em certas coisas...se a gente precisa de uma pouca de pedra, não deixam arrancar a pedra...eu não a preciso que eu tenho aí pedras. (...) Não posso. Não me deixam. Dizem que perde a natureza...perde a natureza...não sei o que é...Então antigamente, essas cortes todas que aí estão, onde é que arranjavam a pedra?” (E01 TQ)

“eu vejo as barbas do vizinho a arder e acautelo-me! Então vejo os outros a...coiso...então os meus sobrinhos já foram atacados! (...) Então botam-lhe fogo, vêm lá e botam-lhe as mãos! E aqui que não dá prejuízo nenhum! Lá para cima para o alto! E ficava o terreno mais limpo, para passar.” (E01 JF)

Nos últimos anos tem existido na zona de Manteigas uma certa tendência para recuperação de imóveis ligados ao pastoreio, tais como cortes e currais. Esta requalificação é muitas vezes levada a cabo por descendentes de pastores, que ainda possuem estes edifícios, e que pretendem rentabilizá-los com vista ao turismo. No entanto, o restabelecimento destes edifícios tem que obedecer a um certo número de regras. Apesar de muitas destas obras de requalificação serem realizadas em terrenos privados, as restrições são imensas. Alguns pastores queixaram-se de serem impedidos de proceder a trabalhos de reconstrução dentro dos seus terrenos, apontando o dedo aos responsáveis pelo Parque Natural.

Quando confrontado com esta questão, o elemento do ICNF revelou algum desconhecimento em relação a esta nova tendência:

“É assim, as cortes, cortes enquanto tal suponho que não sejam do Parque. O Parque tem um conjunto de imóveis, dispersos em vários locais, mas essas cortes penso que serão particulares, são de pessoas que abandonaram, onde antigamente tinham lá os rebanhos no local e pronto, com o decorrer do tempo, as vicissitudes normais destas épocas essas coisas foram abandonadas actualmente. Mas do Parque não são. A maior parte delas não é do Parque. (...) É possível que haja um caso ou outro, e se calhar conhece casos de cortes recuperadas (...) há um caso ou outro. Mas a maior parte das pessoas não tem interesse em recuperar estas cortes. Certamente terão alternativas...e para já há poucos pastores, como falávamos há pouco e certamente também terão outros locais, se calhar mais próximos dos povoados, se calhar com outras localizações para onde eles conduzem os animais, e daí talvez o desinteresse por poderem andar nesses espaços.” (E01 AB)

As opiniões distinguem-se de parte a parte e cada um tenta zelar pelos seus interesses. A continuidade desta profissão na área protegida da Estrela está, ao contrário

de outros tempos, condicionada por factores que zelam pela conservação de espécies ameaçadas. Segundo o ICNF, esta actividade só poderá prevalecer se for devidamente ordenada e, nunca poderá ser desempenhada por um grande número de pastores. Os condicionalismos de conservação impedem a proliferação da profissão e o aumento do número de animais na Serra da Estrela:

“É assim, não é fácil prever o futuro da actividade. Agora, se essa actividade for devidamente ordenada, e penso que é esta a minha grande preocupação, é uma actividade com futuro. Repare, posso dar um exemplo muito simples: não sei se tem conhecimento ou não, mas certamente tem, recentemente foi feita a chamada rede primária, aquelas grandes faixas de 125 metros ao longo do Parque. Uma das possibilidades de as manter era exactamente com o pastoreio, ou seja condicionar, forçar a que os animais andassem naqueles espaços e, esses animais só por si eram capazes, ou poderiam eventualmente ser capazes de controlar a vegetação e consequentemente manter a faixas limpas. Está a ver, um exemplo simples, em que a conciliação do pastoreio, neste caso, com a preservação da floresta, com a manutenção da linha divisória de contenção dos incêndios e emissão de combustíveis, as faixas que são combustíveis, era perfeitamente compatível. Agora é assim, há garantidamente condições para que o pastoreio possa existir na Serra, sempre existiu e continuará a existir, agora deverá é haver uma compatibilização dos interesses do pastor, que são bem conhecidos, com os interesses da conservação, que nunca podem ser menosprezados. É esta interface entre os interesses de uma parte e os interesses da outra que devem ser tratados caso a caso e pontualmente, e pronto, pensando isto num contexto global do Parque.” (E01 AB)

Os interesses do Parque Natural são evidentes e a sua política de contenção em relação ao pastoreio certamente impedirá o aumento de efectivos. Tanto Manteigas, como todas as restantes áreas incorporadas na área reservada, começaram a sofrer um decréscimo em relação ao número de pastores há cerca de quatro décadas, tendência que certamente se manterá no futuro.

3- Transumância

A prática de migrações sazonais dos rebanhos, genericamente designada de transumância, efectuou-se ao longo de séculos com o principal objectivo de providenciar uma alimentação regular e de assegurar pastos verdejantes ao gado durante todo o ano. A importância que esta prática, motivada pelas alterações climáticas e sazonais dos recursos, adquiriu na Península Ibérica remonta a tempos antigos,

“Desde a Pré-História que, a transumância, na Península Ibérica, tem contribuído para o estabelecimento de relações económicas, mas igualmente sociais e culturais, devido sobretudo, mais do que ao próprio peso da pastorícia na subsistência das comunidades de pastores-agricultores, à importância cultural que estas atribuíam aos gados.” (Pinheiro, 2008: 119).

A transumância praticou-se um pouco por toda a Europa, mas sobretudo nas regiões montanhosas, onde as condições para a prática de agricultura eram menos favoráveis. Em função das condicionantes geográficas e climatéricas das áreas de origem e de destino, a transumância englobava vários tipos de deslocação do gado sempre com o objectivo de garantir a subsistência alimentar dos rebanhos ao longo do ano (Idem: 119). Para que existisse sucesso nesta prática ancestral era necessário que se desenvolvesse uma organização baseada na tradição, desenvolvida em ritmo lento, assente na cooperação entre a actividade humana e o meio ambiente, de modo a que existisse uma renovação dos recursos vegetais do solo (Ibidem: 119).

Estes movimentos não eram mais do que uma cópia por parte do homem de um dos mais naturais acontecimentos na natureza: as migrações de milhares de animais, das mais diversas espécies que, ano após ano, percorrem centenas de quilómetros em busca de lugares adequados para a reprodução e alimentação (Ibarra in Oliveira e Silva, 2000b: 171). Todavia, a transumância não foi apenas uma actividade sectorial pecuária, tendo, inclusive, criado um modelo social, económico, urbanístico e arquitectónico, de usos e costumes, de arte popular e de religiosidade. No fundo, deu origem a uma cultura (Idem: 171). Apesar de se encontrar em plena decadência por toda a Europa, ainda se conserva a actividade transumante em Portugal, França, Grécia, Espanha e Roménia, sendo que neste último se conserva com um sistema plenamente actual (Ibidem: 173).

A primeira alusão documental à prática de transumância de longo percurso terá sido feita por Marco Terêncio Varrão, escritor latino (116 a.C.-27 a.C), na sua obra *Rerum*

rusticarum, numa referência à deslocação de gado por parte dos pastores de Apúlia para as montanhas da Sabina (Pinheiro, 2008b: 119). A importância atribuída pelos romanos ao pastoreio tornou-se clarividente através da publicação da *Lei Licínia*, em 367 a.C., que regulava a utilização dos pastos públicos pelos particulares. A partir do século I a.C. os terrenos comuns, cuja administração estava ao cargo do Estado, eram arrendados pelos censores aos publicanos, que por sua vez cobravam um imposto de *scriptura* aos proprietários para neles poderem apascentar os gados. Os animais pagavam, inclusive, uma *capitatio animalliem*, um imposto sobre cada cabeça de gado (Idem: 120).

Apesar da história da transumância na Península Ibérica remontar a uma regulamentação com origem nas leis visigóticas²⁶, durante o período de ocupação árabe as condições de segurança para esta prática não foram favoráveis²⁷. Porém, foi a introdução de ovinos de grande aptidão para a produção de lã, por parte de uma tribo berbere do período Almoada (século XII), que dinamizou a transumância na Península²⁸, nomeadamente em Castela (Morais, 1998: 11).

3.1- O caso Espanhol

Com a crescente relevância económica adquirida pela lã, vários reinos hispânicos viram-se na necessidade de organizar e regulamentar a co-habitação entre os pastores transumantes e os seus gados, e os agricultores que viam as suas terras invadidas por estes rebanhos (Idem: 11). Foi neste âmbito que surgiram o *Honrado Consejo de la Mesta*, em Castela, e a *Casa de Ganaderos*, em Aragão, associações e agremiações de criadores de gado e de pastores. Em 1273 Afonso X de Castela concedeu uma carta de privilégios à *Mesta* e definiu as normas e os caminhos por onde se deveriam deslocar os gados durante as migrações. Este importante sistema normativo impôs uma minuciosa regulamentação sobre a transumância, fazendo prevalecer os direitos da economia

²⁶ “Os visigodos, a partir da segunda metade do séc. V, ocuparam a maior parte da Península e mantiveram as práticas transumantes já conhecidas dos romanos. Diversas disposições do Código Visigótico demonstraram a protecção que estes povos concediam à pastorícia. As normas que procuravam regular os conflitos entre pastores e agricultores, privilegiavam aqueles em detrimento destes, procurando todavia garantir, simultaneamente, a protecção dos campos agrícolas.” (Pinheiro, 2008: 129).

²⁷ Apesar de tudo, as invasões muçulmanas terão igualmente contribuído para o desenvolvimento da actividade pastoril devido, sobretudo, à longa tradição por parte deste povo na criação de gado (Pinheiro, 2008: 129).

²⁸ A influência directa dos povos do Norte de África conduziram à implementação da transumância e das técnicas de transformação da lã na Península Ibérica (Pinheiro, 2008: 129).

pastoril sobre a agrária (Pinheiro, 2008: 120). Até à data da sua extinção, em 1836, a *Mesta* desenvolveu uma marcada influência tanto no domínio das actividades agro-silvo-pastoris, como na própria organização socioeconómica de Castela (Idem: 120). Uma das principais bases para o sucesso desta prática assentou na demarcação das vias de passagem dos rebanhos através de um aproveitamento de itinerários romanos, que evitavam grandes condicionalismos geográficos, mostrando-se extremamente importantes para a criação de uma extensa e complexa rede viária (Ibidem: 130). A importância das inúmeras vias pecuárias existentes em território peninsular ficou confirmada ao longo dos séculos XIV e XV através do enorme protecção atribuído pelos Reis Católicos à *Mesta*. Criaram-se 4 canadas reais – *Cañada Soriana*, *Cañada Segoviana*, *Cañada Leonesa* e *Cañada La Vizana* (Ibidem: 130). Os criadores de gado usufruíram igualmente de um enorme protecção e consolidaram o seu estatuto social como um poderoso grupo de pressão social e política. Este interesse demonstrado pelos Reis Católicos assenta no aumento de interesse pela lã em detrimento das actividades agrícolas, levando por isso à delimitação de campos cercados e ao desaparecimento de bosques, quer pela acção do fogo, quer pelos rebanhos transumantes. Estas políticas protecçãoistas do mercado lanífero mantiveram-se devido ao seu impacto directo na economia, apesar dos constantes protestos dos lavradores, e culminaram com o Édito de 1501, que atribuía as terras onde os rebanhos costumavam pastar aos criadores de gado de forma perene, mesmo contra a vontade dos seus legítimos proprietários (Ibidem: 130).

A extinção desta importante regulamentação em território espanhol ficou a dever-se a uma série de factores estruturais e conjunturais:

- Aumento da população, que motivou uma procura cada vez maior de terrenos destinados à agricultura, provocando um enorme aumento da renda dos pastos, apesar das medidas legais protectoras;
- A Guerra da Independência²⁹, que levou à diminuição dos pastores e ao aumento da saída de gado merino para outros países europeus, em especial para França, conduzindo à base de ruptura do monopólio do mercado de lã espanhol;
- Progressiva queda dos preços da lã nos mercados internacionais;

²⁹ A Guerra da Independência espanhola decorreu entre 1807 e 1814 e inseriu-se nas Guerras Napoleónicas.

- A política de privilégios que os pastores transumantes gozavam foi atacada pelos novos ideais liberais que viriam a modificar o ordenamento jurídico (Ibarra in Oliveira e Silva, 2000b: 173).

Não obstante, mesmo após o declínio da *Mesta*, a transumância manteve uma relativa importância na criação de gado em território espanhol ao longo dos séculos XIX e XX, muito devido ao aumento da procura interna de lã merina pela indústria moderna da Catalunha (Pinheiro, 2008: 132-133).

3.2- O caso Português

O pastoreio em Portugal teve grande impacto na economia nacional, e foi desenvolvido em várias áreas do território nacional. Por todo o país existiram dois tipos de movimentos de gado, distinguidos por Orlando Ribeiro – um confinado à montanha e feito por vales e cumes, que não recorria a locais de baixa altitude, tal como aquele praticado no norte do país (Serra do Gerês, Minho e Trás-os-Montes); e outro realizado nas Serras da Beira Alta (Estrela, Caramulo, Montemuro) e que requeria a deslocação dos gados para zonas de baixa altitude para aí passarem o inverno (Ribeiro, 1995: 331).

Galvanizada pelo processo da *Mesta*, em Castela, a Beira Interior portuguesa tornou-se, desde a Idade Média até ao período do liberalismo, numa área extremamente valorizada em termos pastoris. Neste contexto, a Serra da Estrela foi, até aos anos 50 do século XX, um importante pólo na especialização de práticas agro-pastoris, e onde a vida pastoril se manteve no seu estado mais puro (Pinheiro, 2008: 143). Os forais medievais, como os de Seia ou Covilhã, atestam a importância dos gados nesta área e possuem muito mais referências às actividades pastoris do que às actividades agrícolas. Muitos nobres e alguns monarcas possuidores de enormes terrenos agrícolas nesta zona do país foram detentores de um número considerável de cabeças de gado durante a Idade Média. Porém, grande parte dos detentores de rebanhos neste período não era nobre, o que não os impedia de ocupar lugar de destaque na hierarquia social dos concelhos (Idem: 149-150).

A criação de gado foi beneficiando de regulamentação ao longo dos séculos XII, XIII e XIV por parte dos monarcas, beneficiando quer de protecção aos animais como de diversos privilégios atribuídos aos pastores. Esta regulamentação foi comprovada, essencialmente, através de referências documentais feitas pelos monarcas. As

Ordenações Afonsinas faziam já referência à transumância peninsular, todavia, de forma pouco explícita (Ibidem: 150). Apenas no século XVI a organização da transumância se encontrou plenamente estabelecida, facto comprovado por alguns forais manuelinos, como o foral da Guarda³⁰ e o da Covilhã³¹.

Apesar de alguma regulamentação, a circulação de gado em Portugal nunca esteve sob intensa fiscalização, tal como sucedeu em Castela. Em território nacional, o poder real limitou-se a ajuizar conflitos de interesses entre pastores e agricultores e a zelar pelos interesses reais. As quezílias entre pastores e agricultores foram alvo de diversas intervenções régias, tendo o alvará mais minucioso e importante sido editado em consequência de abusos dos agricultores, em 1605:

“Eu El- Rei faço saber aos que este Alvará virem que os Pastores Serranos da Commarca da Guarda, da Serra da Estrella, e Monte de Muro, e os mais d’aquelle contorno e limites, que com seus gados sahem a pastar fora da dita Commarca, me fizeram petição, em que diziam que por razão de neste Reino não haver no Inverno outros pastos, levavam os seues gados ás Commarcas do Alentejo – e que sendo o gado em universal proveito de todos, e os pastores, gente simples, e commumente moços ignorantes, os quais deviam, conforme o direito, ser mui favorecidos, se usava com elle pelo contrario, nas pastagens do dito gado – e que chegava a tanto, que os Meirinhos, Alcaldes, Rendeiros, e Jurados, e outras pessoas, que se faziam Justiça, sem o serem, lhes faziam grandes avexações, pondo as balizas das coutadas longe de uma e outra banda, para que, por nenhuma via, deixassem de encoimar as coisas – e que os sobreditos os esperavam aos pés das moitas, para os encoimarem, no instante que qualquer ovelha se desviasse:

E que lhes davam os caminhos e canadas, para passarem por partes mui desusadas, e de matos asperos, e de tres e quatro legoas de serra – e que em outras partes lh’as não queriam dar, para que assim incorressem em coimas, e lhe fosse forçado, por não perderem todo o seu gado, ainda que lhes custasse muito sua fazenda, sahirem-se fora das canadas:

E que muitas vezes davam nelles os sobreditos a cavallo, com lanças e os maltratavam, guiando os gados para as Villas e Logares – e que pela grande moléstia que recebiam, lhes davam quanto elles queriam, por remir sua avexação, e não poderem seguir os outros, que lhes faziam as mesmas avexações:

E que nenhuma das ditas coimas iam aos Concelhos, porque tudo recolhiam os sobreditos:

E que nem tambem se evitavam os damnos que diziam que os particulares recebiam, em suas fazendas, com o dito gado, nem elles tratavam disso, e só o faziam por seus interesses particulares e

³⁰ “*não se tomará portagem de leite nem de cousa delle que seja sem sal (...) nem dos ganados que vierem pastar alguns lugares, pasando nem estando*” (Trindade, 1981 *apud* Pinheiro, 2008: 151).

³¹ O foral manuelino da Covilhã estabelecia que todo o gado perdido na serra fosse conduzido à Covilhã: “(...) que seendo o gaado junto na seera da estrella no veram quando vem ao pasto se fazem três ajuntamentos na mesma serra, por alcaldes pêra isso ordenados aos quais vão os pastores e creadores da comarca que tiverem perdido alguum gaado e conhecendo os seus donos e levarão. E o gaado a que non hé achado senhoria hé trazido à dicta villa da Covilhã dya de Santiago onde isso mesmo o vão buscar as pessoas que o perderam” (Dias, 1961 *apud* Pinheiro, 2008: 151).

destruírem a elles suplicantes, por se lhes fazerem estas avexações no tempo em parem as ovelhas, com que se perde muita da criação, e de lãa, de que procede a falta de carestia de panos – e juntamente deixa de haver criadores; porque costumando haver na dita Serra e seus limites mais de trezentas mil ovelhas, não ha de presente a terça parte – e que pela mesma razão faltam fiadores, tecedores e cardadores, que havia, e se sustentavam pelo dito meneio de gado:

E que por ser em beneficio geral de todo este Reino, me pediam, havendo respeito ao sobredito, lhes fizesse mercê que elles podessem com seus gados passar os tres dias do costume, livremente, pelas terras e logares das Commarcas do Alem-Tejo, nos baldios, e que não houvesse coimas em quanto vão passado – e que pelas coutadas lhes deem suas canadas, por logares bons e de boa passagem, em que o gado não receba damno, dando-se-lhes cincoenta passos para cada banda, por canada³², por terem os rebanhos grandes, e não caberem em menos, e que os signaes e balizas que lhes pozerem sejam perto umas das outras:

E que juntamente lhes fizesse mercê, que nos tres lugares da carreira, que são Castello-Branco, Portalegre e Evora, conhecessem dos agravos feitos aos Pastores, os Juizes de Fóra delles – e que só as perdas, se as houver, as julgassem aonde se fizessem; porque havendo-as, estavam prestes a paga-las com vantagens:

E que de eu lhes fazer mercê resultava grande proveito a todo o Reino, e crescimento em minhas rendas, com as lãas e pannos que haveria, e muito gado e criações, e grande abundância de carnes. (...)” (Ribeiro, 1995: 397-398)

Foi apenas no século XVI, consequência do domínio de Castela, que a regulamentação sobre a circulação de gado se tornou mais sistemática. A transumância em Portugal nunca chegou a ser encarada como um modo de vida exclusivo e imperante, ao contrário de Espanha. Baseados na política proteccionista castelhana aos criadores de gado, D. Manuel, D. João III e D. Sebastião, outorgaram diversos privilégios aos pastores transumantes (Pinheiro, 2008: 152).

O período de dominação castelhana do país (1580-1640), foi aquele que atingiu maior expressão em termos de protecção da actividade pastoril e regulamentação da transumância. Todavia, os privilégios atribuídos à pastorícia em Portugal em nada se assemelhavam aos tidos pela *Mesta* (Idem: 153).

Após a restauração da independência e, provavelmente, pela pressão dos grandes proprietários agrícolas, foi criada legislação que visava a atribuição de coimas aos pastores que se deslocassem das canadas com o gado. Todavia, esta medida foi abolida

³² Antigos caminhos, geralmente murados, seguidos pelo gado transumante.

Estes caminhos tinham como objectivo não só evitar que os gados fizessem estragos nas terras cultivadas, como também alimentar os rebanhos durante os longos percursos transumantes. Após trabalho de campo realizado, crê-se que existe uma clara relação de sobreposição das canadas às antigas vias romanas (Pinheiro, 2008: 163).

pouco tempo depois da sua ratificação, prevalecendo então os privilégios filipinos concedidos anteriormente aos pastores (Ibidem: 156).

No século XIX e a título de comparação com o que sucedeu na vizinha Espanha, as ideias liberais, defensoras do direito da propriedade privada, tiveram graves repercussões nos gados transumantes. Verificou-se uma clara redução de cabeças de gado que efectuavam esta prática em detrimento da exploração agrícola. Os pastos comuns e baldios passaram a ser arrendados e procedeu-se à arborização de oliveis e montados de zimbro e azinho, levando à diminuição da área destinada à transumância. Os agricultores começaram a destruir as canadas e a vedar os terrenos em prol de uma maior produtividade agrícola, que no entanto nunca se veio a verificar. O individualismo agrário conduziu à diminuição dos baldios, ao aumento das terras cultivadas e ao parcelamento da propriedade, levando a uma conseqüente diminuição dos pastos naturais, baldios e incultos, imprescindíveis à transumância (Ibidem: 158).

Todavia, a transumância em Portugal no século XIX e início do século XX continuou a ser justificada, essencialmente, pelo desenvolvimento da indústria de lanifícios (à semelhança do que aconteceu em Espanha), que criou um mercado interno para consumo da lã produzida localmente. Apesar da relevância da transumância em toda a Península Ibérica, o liberalismo³³ acabou por triunfar e por conduzir ao declínio da pastorícia (Ibidem: 158).

3.3-Transumância transfronteiriça

A actividade pastoril foi, como vimos, importante e muitas vezes determinante na história de Portugal e Espanha. Apesar de cada país possuir legislação própria em relação à criação de gado, a actividade transumante tornou-se, a certo ponto da história, um elemento em comum entre eles. A proximidade e a diversidade climática existente entre várias zonas de fronteira tornaram exequível a prática de transumância transfronteiriça. Todavia, a presença castelhana em Portugal era muito mais representativa do que o inverso, devido à diferença de custos do arrendamento dos terrenos destinados ao pasto. Em Espanha, o arrendamento dos pastos era bem mais elevado, o que fez com que os pastores portugueses não se aventurassem muito por paragens castelhanas. Os pastores espanhóis, esses aproveitaram o facto de os terrenos

³³ Baseado em valores que defendiam a propriedade privada.

em Portugal terem um custo mais reduzido em relação aos seus, tornando a sua presença em terras lusas mais expressiva (Pinheiro, 2008: 134).

As primeiras incursões transumantes documentadas referem-se à Idade Média, mais concretamente a um período em que as fronteiras ainda não estavam definidas, nomeadamente em 1282, numa referência da Ordem dos Templários de Castela e em 1436, nas Cortes de Évora (Idem: 134).

As normas gerais que vieram a regular a transumância transfronteiriça foram definidas nas Ordenações Régias. Apesar de já existirem algumas referências nas Ordenações Afonsinas, só nas Ordenações Manuelinas ficou definida a regulamentação sobre a actividade dos pastores castelhanos em terras portuguesas. Aí ficaram definidas normativas tais como:

- Definição das entradas destinadas aos rebanhos castelhanos, para aí se proceder ao registo dos mesmos;
- Imposição de restrições quanto à distância que os rebanhos podiam percorrer (somente 5 léguas para cá da fronteira);
- Obrigatoriedade de regressarem ao seu país pelo mesmo porto por onde entraram, e onde ficaram registados;
- Do registo dos rebanhos devia constar a espécie, a cor, a proveniência e a quantidade de cabeças de gado, de modo a impedir a saída de gado nacional.

O incumprimento destes parâmetros por partes dos criadores de gado dava azo a pena de prisão (Ibidem: 135).

A transumância transfronteiriça realizou-se ao longo de diversos séculos, tanto no Minho e Trás-os-Montes, através dos concelhos de Monção, Melgaço e Chaves, como na Beira Interior através do Sabugal, e até mesmo no Alentejo pelos concelhos de Marvão e Elvas. Todavia, esta prática não foi muito consensual em Portugal, e as queixas do povo contra o proteccionismo dado pelos poderosos ao gado castelhano foram-se disseminando e aumentando de tom. A estes protestos juntou-se o aumento do contrabando de gado para Espanha, apesar da legislação existente contra o problema (Morais, 1998: 16).

Após a restauração da independência, o clima de tensão entre as duas nações agravou-se e os pastores oriundo de Castela sofreram na pele as consequências. A partir de 1640, os gados transumantes castelhanos foram expulsos dos seus habituais locais de pasto e das canadas portuguesas (Pinheiro, 2008: 141).

O eclipse desta actividade transfronteiriça viria a processar-se a partir das invasões napoleónicas, em 1808, tanto em Portugal como em Espanha. A guerra conduziu a alterações socioeconómicas e políticas irreversíveis conduzindo, tanto à extinção das práticas transumantes transfronteiriças como a uma situação que viria a culminar com a extinção da *Mesta*.

3.4- Modalidades de Transumância

O fenómeno transumante pode subdividir-se em duas modalidades: transumância de inverno (ou descendente) e transumância de verão (ou ascendente).

A transumância de inverno, ou invernada, era característica dos gados que habitavam zonas montanhosas e que durante os meses mais frios e rigorosos tinham necessidade de se deslocarem para zonas mais baixas e, porventura, mais quentes. A principal razão desta transumância assentava na escassez de pastagens provocada pelo gelo e neve característicos das zonas de montanha (Ribeiro, 1995: 351). Em Portugal esta migração implicava as seguintes rotas transumantes:

- De longa duração (5/6 meses): dos agostadouros das terras altas da Serra da Estrela para as terras baixas do Alentejo;
- De média duração (3/5 meses): da Serra da Estrela para os campos de Idanha; da Serra da Estrela para a região do Alto Douro; da Serra da Estrela para o baixo Mondego (Morais, 1998: 17).

A transumância ascendente era realizada a partir das terras baixas, onde nos meses mais quentes o calor secava os pastos, para as zonas de montanha, cujos cervunais³⁴ ficavam verdejantes e frescos após o degelo da primavera. Esta modalidade era realizada com uma duração máxima de 3 meses. Em território nacional, esta prática implicava as seguintes rotas:

³⁴ Cervunais são pastagens de zonas frias relativamente pobres em espécies, dominadas pelo cervum (*Nardus stricta* L.), e outras gramíneas perenes, densas e cespitosas, todas elas bem adaptadas ao frio e a solos pobres e ácidos, muitas vezes húmidos e até encharcados. Distribui-se por toda a Europa, a Sul apenas em montanhas constituindo a Serra da Estrela o seu limite setentrional. Estes arrelvados, comuns no Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), são utilizados como zonas de pastagem tendo sido, por isso, sujeitos a dois tipos de pressão: herbivoria e fogo. Se por um lado o herbivorismo os mantém porque limita o crescimento das outras plantas (ex.: lenhosas tais como urzes e giestas), já o fogo pode ter um papel totalmente destrutivo. Queimadas, para produzir pastagens, que entram fora de controlo e incêndios com origem fora do PNSE têm devastado todos os anos o Parque e têm destruído a matriz biológica do cervunal.

Fonte: <http://www.uc.pt/grasses/taxonomia/complexo>

- Transumância de verão do médio-Mondego para as Serras de Montemuro e da Gralheira;
- Transumância de inverno do sul do Baixo Alentejo para a Serra de Monchique. A espécie envolvida nesta migração era a bovina, e decorria, provavelmente, do facto de se alugarem os invernadouros alentejanos para o pastoreio dos gados serranos, levando à escassez de pasto para os bovinos locais (Morais, 1998: 17);
- Transumância de verão de gados provenientes das planícies do Mondego para a Serra da Estrela.

A Estrela e o Montemuro eram os dois principais pólos para os quais se dirigiam os gados transumantes nos períodos mais quentes do ano.

A transumância pode de igual modo classificar-se como oscilante, que ocorre quando os rebanhos se situam entre as terras altas e as planícies (Pinheiro, 2008: 124).

Para além de todas estas modalidades de transumância, existe ainda uma deslocação sazonal de gado muito semelhante – a transterminância. Este movimento compreende uma migração de muito curta distância, normalmente realizado entre termos vizinhos ou muito próximos (Morais, 1998: 9).

3.5- Transumância na Serra da Estrela

No contexto da transumância desenvolvida em território português, a Serra da Estrela foi um dos principais pólos desta actividade. Local de clima rigoroso e vertentes acentuadas, impróprio para o desenvolvimento da agricultura, foi propício para o progresso da pastorícia ao longo de vários séculos.

O pastoreio era essencial para os aglomerados populacionais desta região inóspita e pobre, apenas apta para a pastorícia e para a produção de forragens e cereais. A própria toponímia da Serra da Estrela contribui para identificar as áreas ligadas ao pastoreio:

- Nave – extensão plana, de solo decomposto, rodeada de elevações (Ex: Nave de Santo António, Nave da Mestra);
- Assente/assentada – depressão larga, de bordos mal marcados;
- Covão – identifica uma depressão mais profunda, rodeada de paredes altas. Normalmente refere-se a zonas em forma de circo ou a bacias de vales glaciários (Ex: Covão d’Ametade, Covão do Boi, Covão do Urso);

- Malhadas – depressões fragosas rodeadas de paredes traçadas na vertical, designadas por varandas;
- Lapas – cavidades naturais formadas sob enormes lajes de granito que se convertem em abrigos naturais (Idem: 149).

A Serra da Estrela tornou-se, há muito tempo, local de eleição para receber rebanhos tanto de dentro como de fora do país. No verão, era frequente ver rebanhos apascentarem nos frescos relvados de *cervum* da Estrela, oriundos tanto do Alentejo e da serra algarvia, como de Sória ou Segóvia (reino de Castela). O tempo de permanência destes gados na Serra da Estrela era normalmente de 3/4 meses (de Maio/Junho a Setembro) (Ibidem: 148).

Porém, a Estrela era também berço de muitos pastores que se viam obrigados a migrar com os rebanhos devido à dureza do seu clima. Se durante vários séculos os pastores serranos se deslocaram até ao sul do Alentejo, percorrendo cerca de 400 km, ao longo dos anos as deslocações foram-se tornando mais curtas. Segundo o pastor “Tó Querido”, o local para onde se migrava dependia da zona de proveniência da Serra, e das raízes de migração da área de habitação: “Aqui da zona de Manteigas, para a Idanha, o pessoal aqui de Folgoso, ou aqui dos Casais, para o Douro, e os do Sabugueiro, para os lados de Coimbra.” (E01 TQ).

Os destinos dos gados transumantes dos diversos pontos da Serra da Estrela eram variados e dependiam de factores de proximidade e de tradição. Das inúmeras povoações com tradição transumante na Serra da Estrela destacam-se Aldeias, Folgoso, Verdelhos, Videmonte, Fernão Joanes, Sabugueiro, Manteigas e Valezim. Apesar de alguns destes homens terem como destino os mesmos locais, os pastos onde apascentavam os rebanhos eram diferentes.

Na década de 70 do século XX, Alberto Martinho fez um registo extensivo das rotas realizadas pelos pastores das diversas localidades da Serra da Estrela que realizavam transumância de inverno. Os percursos duravam entre 3 e 9 dias³⁵, consoante a distância entre local de partida e local de chegada. A partida destes rebanhos transumantes tinha início entre o final de Setembro e os primeiros dias de Novembro. Normalmente, o regresso a casa acontecia entre os meses de Março e Abril (Martinho, 1978: 57).

³⁵ Os percursos com maior tempo de duração (8 e 9 dias) diziam respeito às campanhas de Folgoso para o Douro e do Sabugueiro para o Alentejo. Os restantes movimentos transumantes duravam entre 3 e 6 dias (Martinho, 1978: 46-58).

Nestas campanhas transumantes, o gado de leite³⁶ era separado do gado vazio³⁷ e, uma vez que era muito mais sensível ao rigor do inverno, tinha necessidade de partir mais cedo. O gado vazio partia, muitas vezes, somente no Natal. Por aldeia juntavam-se vários rebanhos, à responsabilidade de um ou vários maiores, pastores que se encarregavam de toda a logística da viagem (desde o arrendamento dos terrenos para apascentar os rebanhos, à contratação de homens responsáveis pelo pastoreio dos animais). Para 1500 ovelhas poderia haver cerca de 20 homens, 7 ou 8 cães e alguns burros, destinados ao transporte de mantimentos e todo o tipo de utensílios necessários para a jornada. Durante a viagem de partida, era costume nascerem alguns borregos, que muitas vezes tinham de ser transportados às costas pelos próprios pastores³⁸ (Ribeiro, 1995: 364).

A transumância de longo curso há muito que entrou em decadência, e, segundo Orlando Ribeiro, na década de 40 do século XX, apenas Sabugueiro, Folgoso e Manteigas mantinham esta prática (Ribeiro, 1995: 368). A década de 60 do século XX assinalou o final desta actividade, passando as localidades serranas a realizar a transumância nas aldeias limítrofes dos seus territórios (Martinho, 1978: 47).

3.6- A transumância em Manteigas

Localizada no fundo da garganta do Zêzere, onde a agricultura nem sempre se sobrepôs aos pastos, Manteigas desenvolveu uma vasta tradição transumante. As “Campanhas de Idanha³⁹” há muito se deixaram de fazer por estas terras, mas as recordações continuam bem presentes na memória de um ou outro pastor. Contudo, a prática transumante continua em actividade, embora em nada se compare às antigas romarias de rebanhos. A grande maioria dos pastores que ainda habitam no Vale Glaciar do rio Zêzere e no Vale da Castanheira, sentem que os pastos da zona se revelam insuficientes para alimentar os rebanhos. A transumância não é a solução utilizada por todos, mas para alguns, é a única resposta a este problema.

³⁶ Gado com criação.

³⁷ Gado sem cobrição (Ribeiro, 1995: 364).

³⁸ Estes episódios por vezes causavam atrasos nas viagens de cerca de 2 ou 3 dias, visto que as crias não conseguiam acompanhar o ritmo do rebanho (Ribeiro, 1995: 364).

³⁹ Assim apelidadas por Orlando Ribeiro (Ribeiro, 1995: 364).

3.6.1- Transumância de longo curso – as “Campanhas de Idanha”

Apesar de todos os pastores já terem ouvido falar nestas jornadas, a maior parte nunca realizou qualquer tipo de viagem deste género. O que muitos sabem, foi-lhes transmitido por familiares, ou por outros pastores que criaram gado no Vale Glaciar quando estes eram ainda crianças. Dos 6 pastores entrevistados, apenas “Zé Paisana” e “Manel Palicho” fazem parte da “velha guarda” de pastores transumantes que viajou para os campos de Idanha.

A razão destas viagens assentou, essencialmente, na falta de pastos na região que fornecessem alimento a todos os rebanhos. O local de destino da transumância foi quase sempre fruto de uma herança familiar, como comprovou “Zé Paisana”:

“Porque isto já vem dos nossos antecedentes...e começaram para lá a ir, tinham terras mais quentes de inverno, a nossa terra não tinha pastos para aguentar cá o gado todo o ano...os mais velhos tinham que se ir embora...uns ficavam logo aqui perto em Verdelhos, iam para ali...outros para o Teixoso, perto da Covilhã (...) Comecei a ir para lá porque já os meus avós para lá iam, e o meu pai...e eram melhores as terras do que aqui...do que as nossas.” (E02 JP e MP)

José Martins Sabugueiro, vulgarmente conhecido como “Zé Paisana”, é o único pastor em actividade que palmilhou as velhas estradas rumo aos pastos da Beira Baixa portuguesa. Neste contexto o seu testemunho adquiriu especial importância para a compreensão desta prática realizada pelos pastores transumantes de Manteigas.

Apesar de só ter feito viagens transumantes para Idanha até aos 20 anos, “Zé Paisana”, chegou a fazer várias viagens por ano: “Eu vezes fui lá...às vezes num ano chegava às duas e três (...) A primeira vez tinha 9 anos. Depois fui lá...16, 17, 18 e 19 e 20, portanto 6 anos seguidos, 5 anos seguidos de lá!” (E02 JP e MP). Deixou de fazer transumância para Idanha em 1965, data em que foi obrigado a cumprir serviço militar na Guiné, na Guerra Colonial. Como ele, a maior parte dos pastores da região deixou de efectuar estas viagens. Na sua opinião, a justificação está na diminuição das cabeças de gado: “Nessa altura em que eu vim da tropa...em Manteigas...deixámos de para lá ir, os pastores. É que o gado começou a ser menos e depois uns ficavam por aqui outros iam para Vale de Amoreira, para Vale Formoso, era aqui mais perto.” (E01 JP).

Sensivelmente a meio do século XX, existiam em Manteigas entre 3 a 4 grupos de pastores que realizavam estas jornadas. Cada um partia em dias diferentes para os rebanhos não se atropelarem uns aos outros:

“Daqui iam para lá três pastorias para a Idanha. Três ou quatro...Era um que se chamava Ti António Agonia, Paiva, o Alfredo Paiva, o Manuel Canhol e o Cascalheira...às vezes iam quatro...mas não iam todos no mesmo dia! (...) Aquilo era, hoje ia um...daqui por 8 dias ou 15 dias ia outro (...) Para não irem a bater umas com as outras na mesma estrada, ia o gado a pé.” (E02 JP e MP)

As datas de partida e de chegada eram semelhantes às dos restantes locais da Serra da Estrela, uma vez que o clima era o principal inimigo destas gentes. A transumância para os campos de Idanha prolongava-se de Novembro a Abril:

“em Setembro é que a gente...quando começava a chover cada um apertava com as suas e depois é que íamos para a Idanha, na entrada do mês de...olhe agora por esta altura é que abalávamos para a Idanha (...) Que é quando o pasto começa a... a esverdecer lá na Idanha (...) na Idanha íamos para lá agora na entrada do mês dos Santos e só vínhamos de lá no principio de Abril.” (E01 JP)

A jornada poderia durar entre 4 a 6 dias, dependendo do clima e dos nascimentos de borregos que ocorressem durante a viagem. As estradas de alcatrão e terra batida eram uma alternativa às antigas canadas, e um modo de acelerar a viagem. O pastor “Zé Paisana” explicou-nos, passo a passo, o percurso que realizou diversas vezes nas suas invernadas:

“Daqui íamos direito a Sameiro, Vale de Amoreira, Valhelhas, Vale Formoso e dormíamos lá, em Vale Formoso. Depois abalávamos de Vale Formoso... Belmonte, Caria, e íamos dormir à Capinha. Da Capinha abalávamos...atravessávamos a Quinta da Ferreira...e íamos dormir ao Pedrógão. Do Pedrógão abalávamos e íamos direitos a Proença. De Proença íamos dormir às Murteiras Redondas, à Idanha, logo já era a Idanha. Era uma quinta lá que chamavam as Murteiras Redondas, lá de roda de Idanha, ao pé da casa do Marquês de Valongo. De lá é que depois se dividiam...se vão para aquele pasto ou para outro pasto ao outro dia...era assim. (...) Sempre por estrada! Lá às vezes havia uns caminhosinhos, mas pouco, pouco! O que havia era na Capinha, que atravessávamos a quinta da Ferria além para o Pedrógão, aí é que saímos mais dos carros...mas era sempre por estrada (...) aquilo é uma estrada estreitita, às vezes centeio de um lado e de outro, é que dançávamos ali... elas a quererem ir para o centeio para além e para aqui, era uns dum lado outros doutro, de trás para a frente.” (E02, JP e MP)

Chegando às imediações de Idanha-a-Nova, os rebanhos separavam-se pelos diversos pastos e pelas diversas localidades situadas na sua periferia.

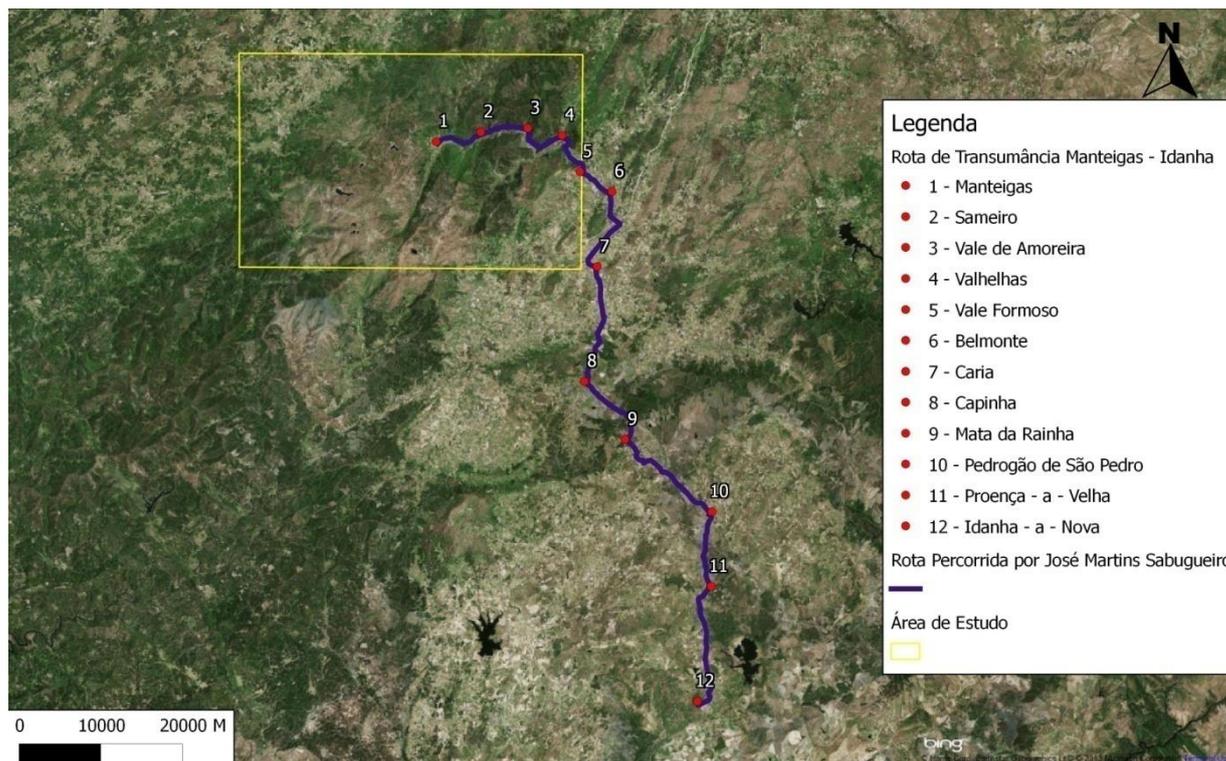


Figura 1 – Rota transumante percorrida por José Martins Sabugueiro nas “Campanhas de Idanha”.

Partiam em grupos de cerca de 6 homens, auxiliados de 2 burros, num rebanho comunitário, composto por rebanhos de vários pastores. Durante as campanhas transumantes, os pastores nunca permaneciam no local de destino durante todo o período. Uma vez que os rebanhos possuíam gado oriundo de diversos pastores, foi implementada uma linha de permuta de homens ao longo das campanhas. Havia pastores que chegavam a fazer duas ou três viagens por campanha. Apesar de existirem diversos pastores na região de Manteigas que nunca realizaram transumância para os campos de Idanha, esta é uma das poucas recordações que ainda mantêm:

“Porque eram muitos pastores...nem 10 nem nada...só iam os pastores e não eram todos! Por exemplo agora iam por exemplo 4, andavam lá uma temporadita...depois vinham iam outros, depois vinham os outros (...) nunca lá andavam todos!” (E01 TQ)

“Eles chegavam a abalar daqui aos 8 dias, com o gado iam sempre de viagem. Depois andavam lá, regressavam e iam daqui em Outubro e regressavam outra vez para cá aí em Março...entradas de Março era quando começavam as árvores a rebentar, mas iam, a transumância que eles faziam eram para aí 5 e 6 rebanhos e depois andavam lá sempre a renderem-se os pastores.” (E01 V)

Dentro dos próprios rebanhos existia uma divisão do gado entre “gado de leite” e “gado vazio”. No máximo, o rebanho transumante composto pelo “gado de leite” era de 300/400 cabeças de gado, ao qual se juntavam os pequenos borregos que iam nascendo pelo caminho. Já o “vazio”, normalmente, possuía um maior número de ovelhas – cerca de 600 (E02 JP e MP).

Os cuidados a ter com uma ovelha que está em fase de aleitamento são diferentes daqueles a ter com uma que não esteja. A principal diferença reside na alimentação, tal como afirma o pastor “Tó Querido”:

“as que davam leite sempre davam um bocadinho mais de conchego, mais uma pouca de erva...e aquelas que não davam leite, comiam menos (...) depois à maneira das crias que iam parindo, então traziam-nas para as de leite. (...) E aquelas que não pariam e os carneiros lá ficavam! Depois os carneiros só os deitavam na entrada de Abril às ovelhas, para se cobrirem.” (E01 TQ)

Esta diferenciação fez com que os gados apascentassem em locais diferentes nas “Campanhas de Idanha”. Alguns chegaram mesmo a transitar ao longo do rio Tejo, em busca de pastos para o “gado vazio”. Todavia, estes episódios remontam a um passado longínquo, que já não foi testemunhado pelos actuais pastores de Manteigas:

“Tínhamos que migrar...e iam para o “Mal Andar”...chegaram a ir passar, daqui de Manteigas, com os vazios, à ponte de Santarém! Para o outro lado! (...) Passavam para o outro lado... os de antigamente abalavam com o alqueiro de cá, e chamavam àquilo o Mal Andar, abalavam para lá...mas eu já mal me lembro disso. (...) O gado de leite iam para a Idanha, e o vazio abalavam com ele...iam pelos caminhos a fora, onde podiam roubar roubavam e para lá dormiam, até que chegavam a um certo sítio tornavam a desandar até que para cá chegassem em Abril, só podiam cá chegar em Abril! (...) Mas eu já não me lembro disso...isso era do tempo do meu avô.” (E02 JP e MP)

Em Idanha e nos seus terrenos periféricos, destino dos gados serranos transumantes, os pastos eram arrendados previamente pelos responsáveis de cada rebanho transumante – os maiorais⁴⁰. No verão, estes homens partiam para a Beira Baixa a arrendar os terrenos para posteriormente ali apascentarem o gado, no inverno. As cabeças de gado envolvidas na migração estavam directamente relacionadas com o número de pastos arrendados:

⁴⁰ Cada rebanho podia ter um ou vários maiorais (E02 JP e MP).

“Na nossa pastoria eram 2. Eram dois tios meus. Eles é que iam arrendar o pasto de verão, e depois eles diziam assim, temos pasto para tantas cabeças de gado e só podiam levar aquelas cabeças de gado, mais ou menos. O pasto dá para tantas...não podiam levar mais...ou se antes levavam mais tinham que arrendar mais! Era assim.” (E02 JP e MP)

O arrendamento dos pastos era normalmente feito junto das mesmas pessoas, mantendo-se assim uma certa relação de compromisso e responsabilidade entre ambas as partes:

“Era...na casa marquesa...era quase sempre aos mesmos...ou uns ou outros arrendavam quase sempre...eles já estavam quase comprometidos com os serranos, os serranos é que lá arrendavam os pastos. Eles também tinham gado! Mas tinham muito pasto...arrendavam! (...) naquele tempo já pagámos um bom dinheiro por lá andarmos (E02 JP e MP).

Os invernos na Beira Baixa portuguesa em nada se comparavam com o rigoroso clima da Serra da Estrela. Porém, a permanência neste local ao longo de 5 meses esteve longe de ser fácil. A alimentação era escassa e bastante limitada, e tinham que dormir na rua, ao relento, como relatou o pastor “Zé Paisana”:

“A alimentação que era pouca...lá...não havia lá batatas...antigamente era tudo rasto...tinham de levar daqui batatas, toucinho...passavam lá mal...faziam açorda, feijão pequeno e soro. Comiam-no! E tive que andar ali a comer soro, e faziam requeijão, passavam o soro e era como era coalhado, comiam-no, não se passava lá como agora, ou ou! (...) Tínhamos bardo! Um bardo de rede e cancelas, não é como agora! Agora há cancelas de ferro metem-se lá, já de lá não saem. Mas naquele tempo de noite às vezes rebentavam com o bardo tínhamos que andar a levantar, a compor para elas não fugirem. Aqui só dormiam sem bardo de verão, de Junho em diante...até Setembro. Na serra é que dormiam sem bardo. Mas às vezes também abalavam de noite! Não dávamos conta, os pastores, e elas abalavam.” (E02 JP e MP)

Também para os animais a jornada se mostrava difícil. Na altura em que saíam da Serra da Estrela, entre Outubro e Novembro, os pastos não abundavam ao longo do caminho, daí ser muito complicado para os pastores controlarem os rebanhos famintos e desanimados. Segundo “Zé Paisana”, estes eram dias complicados para os pastores:

“que elas passavam às vezes fome, passavam! Uma vez (...) fomos dormir a Vale Formoso, já lá tinha um camião de neve, bem lá por baixo há pouca neve. A neve tinha sido espanhola, ainda havia mais lá para baixo do que para aqui! Dormimos ali em Vale Formoso, de noite, a nevar, começaram a saltar,

abalaram à metade! Quando demos conta, começámos lhe a falar, estávamos para lá nalguma barraca, havia neve de lá de roda... fomos lá, fomos por ali a baixo, por uma estrada a baixo, fomos dar com elas numa horta e num nabal. No outro dia só abalámos de lá já com o sol alto, por causa do nevoeiro, que não tínhamos sido nós. Passámos e tinham sido alguns que passaram de nós e comeram a horta e o folhal, para não pagarmos! E diziam: os de Manteigas não foram, que eles já passaram aqui de dia! Mas não, tínhamo-los deixado abalar de noite e foram para lá comê-la! Um grande bocado de horta branca... eram praí uns 300 que lá andavam... iam com a fome! (...) Mas eles, quer dizer, diziam que tinham sido os de Videmonte que tinham passado de noite e que lhe tinham largado a horta! (E02 JP e MP)

Com o passar dos anos, o número de cabeças de gado e de pastores foi diminuindo em Manteigas e um pouco por toda a Serra da Estrela. As últimas “Campanhas de Idanha” foram realizadas em meados dos anos 70 do século XX. Em Manteigas, segundo o relato do pastor transumante “Zé Paisana”, a última viagem para Idanha aconteceu há cerca de 30 anos: “40 anos vim eu da tropa! 40 e pouco... quando vim ainda lá foram... ainda o João da Quinta ia para lá comer com ele (com o gado). Os anos não te digo... mas há 30, 30 e pouco é capaz... é capaz...” (E02 JP e MP).

Apesar de a transumância de longo curso, realizada a partir de Manteigas, ter deixado de ser realizada há bastantes anos, a prática transumante não se extinguiu. Os seus pastores continuaram a fazer deslocações sazonais, no entanto a distância dos trajectos encurtou. A preferência recaiu sobre locais mais próximos, cujas condições climatéricas não fossem tão rigorosas quanto as dos territórios mais elevados da Serra da Estrela. Locais como Vale de Amoreira, Valhelhas, Verdelhos, Covilhã, Teixoso e Unhais da Serra tornaram-se mais atractivos para os pastores de Manteigas. A proximidade tinha bastantes vantagens, entre elas o facto de poderem ir dormir a casa, neste caso, a Manteigas: “Era aqui mais perto. Abalava e se fosse preciso vinha cá dormir todos os dias a casa.” (E01 JP).

Para além desta transumância de inverno, também se conservou em Manteigas outro tipo de movimento transumante – a transumância de verão, realizada para os cumes da serra. Na época estival, a frescura destes pastos ganha especial importância, tendo outrora atraído rebanhos de vários pontos do país.

3.6.2- Transumância de Verão – os cumes da Serra da Estrela

Contrastando com os rigores do inverno, os verões na Serra da Estrela costumam ser mais temperados que nas terras baixas. Devido essencialmente a factores de altitude, o clima na montanha é propício à existência de relvados verdejantes durante os meses mais quentes do ano. Pelo contrário, nas zonas de planície, os pastos tornam-se mais secos, obrigando os pastores a procurar soluções para apascentar os seus rebanhos.

Em Manteigas, como um pouco por toda a Serra da Estrela, os pastores têm há muito a tradição de subir aos cumes das montanhas nos meses de verão, e por lá permanecerem durante cerca de 3 meses. Este movimento transumante é o único que foi realizado por todos os pastores do Vale Glaciar do rio Zêzere e do Vale da Castanheira. Contudo, no presente, apenas 2 pastores ainda apascentam os seus rebanhos nos cumes da Serra da Estrela no período estival. Os restantes foram paulatinamente abandonando esta prática ao longo dos últimos anos.

Mesmo após regressar da Guerra Colonial, “Zé Paisana” continuou a fazer este tipo de transumância, acompanhado de vários pastores: “de verão juntava-as ao fim de vir da Guiné e ia para lá com o gado, juntávamo-nos! Eu era quase sempre com um tio meu e aqui com o Manel e com...com mais! Às vezes éramos praí 10 ou 11” (E02 JP e MP). Eram tempos em que a Estrela se enchia de gado, vindos dos mais diversos pontos da Serra e do planalto beirão. De Manteigas partiam grupos de pastores cujos rebanhos chegavam a passar o milhar de cabeças:

“Chegaram-se lá a juntar algumas 1000 e tal, 1200, 1300 cabeças.” (E02 JP e MP)

“Quando aqui havia muito gado em Manteigas, andávamos onde chamam o Vale das Éguas, Vale da Barca, Torre...chegámos a juntar 800, 900...eh...andavam lá dois e íamos para lá na entrada de Junho até ao dia 16 de Setembro. Andavam lá sempre só dois homens. Dormiam à malta, nem barbo nem nada! Nessa altura é que os lobos as agarravam! Agarravam muitas...” (E01 JP)

“aqui desta zona de Manteigas, faziam cá algumas 2000 cabeças de gado, só de ovelhas (...) Faziam 1000 aqui da zona Vale das Éguas até lá em cima ao Vale da Barca, e faziam outras 1000 aqui da serra de baixo, Videoeira, serra de Santo António, até lá em cima à torre.” (E01 V)

“Zé Paisana” abandonou este tipo de transumância há cerca de 10 anos, e como ele, outros pastores procederam de igual modo.

Hoje em dia, dos pastores entrevistados, apenas “Vitinho” e “Manel Balote” continuam a realizar estas viagens, uma vez que é o recurso mais lógico e económico para a manutenção dos rebanhos. Segundo “Vitinho”, os motivos desta prática transumante prendem-se com a maior abundância de pastos nos locais mais elevados:

“Iam para a serra porque o gado de verão anda lá melhor na serra que é mais fresco, é mais fresco e o gado...e há lá outras comidas mais verdes que aqui para baixo, em Junho seca tudo, e lá em cima não. Lá em cima há comida até Agosto, onde há humidade até Setembro, está verde. Se não a gente aqui em baixo para aguentar cá o gado tinha que semear aí muito zaburro e sordo e assim, e não temos cá condições para isso.” (E01 V)

Ambos os pastores já realizam estas viagens desde muito novos, fruto de uma tradição levada a cabo pelos seus antepassados. Para “Manel Balote” esta solução tornou-se de tal forma importante que apenas por uma vez não levou o rebanho para os cumes da Estrela: “já há tantos anos...desde que tenho gado, praticamente. Fiquei um ano aqui em baixo, mas de resto vou sempre lá para a serra. Já teve o meu pai e tudo” (E01 MB). Contudo, nunca faz estas viagens sozinho: “Não, sozinho nunca vou. Vou com outro rapaz lá de baixo de Manteigas e...vamos os dois, andamos lá dois meses, ao fim de dois meses vimos embora.” (E01 MB). Já o pastor “Vitinho” nem sempre se desloca sozinho, tendo por vezes o auxílio do irmão que com ele habita: “Agora vou sozinho, já há alguns 6/7 anos...mais...por volta de 12 anos que andamos lá sozinhos.” (E01 V).

Há várias décadas atrás, a transumância que se fazia para a Serra da Estrela levava os pastores até aos mais variados locais, incluindo a Torre, local emblemático do território nacional. “Zé Paisana” e “Tó Querido”, dois pastores que deixaram de realizar transumância para a Serra, recordaram alguns locais por onde passaram:

“Daqui de manhã, quando era ao meio dia, uma hora já estávamos no Vale das Éguas, já era lá perto (...) Para o Vale da Barca! De pois de lá subíamos, íamos bater se fosse preciso à torre e ficávamos lá a dormir. (...) Onde é que chamam o Vale das Éguas e o Vale da Barca e ao pé de curral Martins...é como são lameiros, é *cervum* pronto! É erva rija, mas elas comem, como não tinham outra...não é como esta tenrinha. (E02 JP e MP)

“Nós antigamente íamos para lá, íamos até à Torre, ou antes da Torre um bocadinho...mas chamam lá...como é que se chama aquilo...o Covão de Ferro, Barros Vermelhos e há lá outros...íamos até à fonte do Pires, à fonte Pires...e outra, como é que se chama...há uma outra que agora não sei o

“PASTOREIO EM MANTEIGAS: TRANSUMÂNCIA NO PASSADO E NO PRESENTE”

nome, mesmo de roda da estrada da Torre...mas não chegávamos lá à Torre, era um bocado...por exemplo, a Torre era ali em cima e nós era assim para além...” (E01 TQ).

Apesar de existirem menos pastores a realizar transumância estival na Estrela, os destinos dos poucos pastores transumantes não se alteraram em relação aos dos seus antepassados. Os locais onde “Vitinho” e “Manel Balote” apascentam os seus rebanhos são praticamente os mesmos:

“Eu agora faço, já andei aqui na zona da serra de baixo, já andei na zona da Nave de Stº António, mas agora ultimamente tenho andado ali só mais para a zona da Candeeira. Candeeira, Torre, Vale da Barca, tenho andado ali só por aquela zona. Quando tinha o dobro do gado corria quase a serra toda, era além pelo Vale das Éguas, do Vale das Éguas ia direito ao Vale da Barca, do Vale da Barca quando subiam os outros com o rebanho, eu descia ali pelo lado da Candeeira e andava ali direito à torre ali pelas riscas. E depois na primavera também andava aqui para o lado de cá.” (E01 V)

“É o Vale das Éguas até lá a cima à Nave da Mestra...cá em cima também ao Vale da Barca, Nave da Mestra...eh, nós para cima já não vamos mais” (E01 MB)

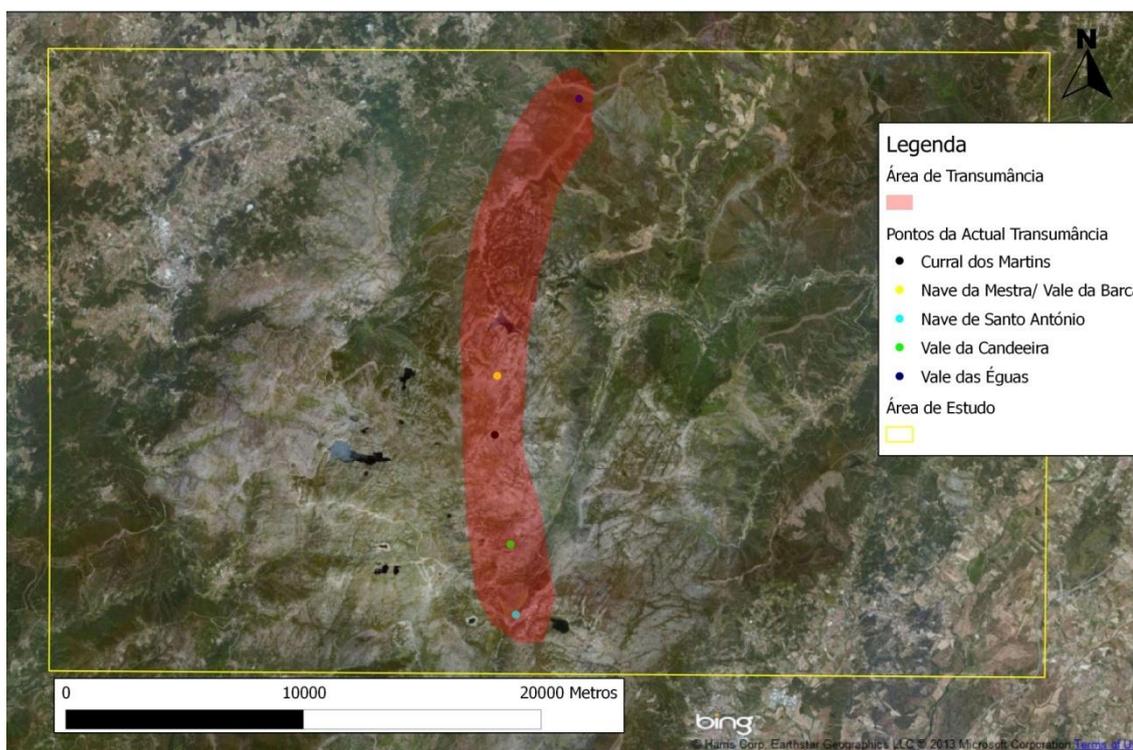


Figura 2 – Locais da actual transumância de verão na Serra da Estrela.

O período de tempo que os pastores permanecem na Serra varia entre os 3 e os 5 meses. Se por um lado “Manel Balote” parte em finais de Junho e regressa no início de

Setembro (dia 8 normalmente), por outro, o pastor “Vitinho” tende a prolongar a sua estadia nos locais mais elevados:

“Quando era em Junho iam lá para cima e dormiam logo lá. (...) Eu chegava lá a andar com o gado aí até Outubro, quando desce o tempo (...) Em Outubro é que vinha para baixo, para o vale glaciado (...) há muita gente que vem em Setembro, mas eu aguentava-as lá mais tarde.” (E01 V).

O tempo de estadia na Serra da Estrela sempre foi condicionado por factores climáticos e económicos. Se o tempo o permitisse, alguns pastores partiam mais cedo para os pontos mais altos, deixando os seus terrenos em Manteigas cultivados. Ao andarem na Estrela, os pastores garantiam uma melhor alimentação aos rebanhos e salvaguardavam as suas culturas na vila. Por outro lado, procediam também ao cultivo de centeio, cereal típico de altitude e com uma longínqua tradição na Serra da Estrela:

“E na Primavera também para lá íamos! Antigamente a serra dava toda centeio e a gente, quando era por exemplo de Maio em diante, a serra dava mais comida, aqui semeavam-se os terrenos, elas iam para a serra e...estrumavam-se lá os alqueives, chamávamos-lhes os alqueives para semear o centeio. Depois semeava-se o centeio, aquilo agora tinha muita rama e o gado andava lá a comê-la. A rama do centeio...e depois criava-se o grão!” (E02 JP e MP)

Nos cumes frescos, é vulgar os rebanhos de “Vitinho” e “Manel Balote” cruzarem-se com gado vindo de outros pontos da Estrela:

“Agora só vêm de...ali para a Lagoa Comprida de S. Romão, Seia e aqui para o lado da Nave de Stº António vêm pastores de...das Cortes e de Unhais. O resto aqui de Manteigas já não há cá mais gado nenhum.” (E01 V)

A grande maioria dos movimentos transumantes efectuava-se para locais onde os pastos eram arrendados previamente. Ao contrário do que acontecia nesses locais, a Serra da Estrela proporcionava aos pastores a possibilidade de apascentarem os rebanhos sem custos. Tal acontecia devido ao facto da maior percentagem de terrenos existentes na Estrela serem baldios. Não obstante, existiam terrenos senhoriais, mas em menor escala:

“PASTOREIO EM MANTEIGAS: TRANSUMÂNCIA NO PASSADO E NO PRESENTE”

“Lá aquilo é baldio e senhorio. Eu tenho lá 4 terras senhorias! 4 ou 5! Mas o mais tempo era nos baldios. Onde é que chamam o Vale das Éguas e o Vale da Barca e ao pé de curral Martins...é como são lameiros, é *cervum* pronto! É erva rija, mas elas comem, como não tinham outra” (E02 JP e MP)

“Mas a serra também já não deita nada, que antigamente semeavam lá o centeio, o pessoal ainda lá semeava centeio, agora não há lá ninguém que semeie nadinha...as terras olha, o que têm é mato (...) É tudo baldio, ninguém lá...nós ainda temos lá um terreno, e temos lá uma corte e um curral...era nosso, mas depois...a minha mãe tem outra irmã e partiram e calhou...aqui era da parte do meu avô e depois calhou à outra minha tia, à irmã da minha mãe. Mas antigamente nós semeávamos lá centeio e ela também lá semeava, mas agora ninguém semeia nada! E a corte, era uma corte bem boa, e um curral, metia lá o gado e dormia-se lá, só que as paredes já caiu tudo...diz que já nem se vê, que está no meio já do mato” (E01 TQ)

“É, terrenos baldios. É tudo terrenos baldios.” (E01 V)

Os movimentos transumantes para a Serra da Estrela têm vindo a decair nos últimos anos em virtude de diversos factores. Neste momento o número de pastores existente na área envolvente de Manteigas é francamente reduzido. Para além disso, os poucos guardadores de rebanho que por ali se mantêm começam a apresentar uma idade demasiado avançada. Uma redução do número de pastores, aliada às normais debilidades causadas pela idade, provoca uma consequente redução dos rebanhos. O facto de existirem menos cabeças de gado leva a que o pasto existente no Vale Glaciar seja suficiente para alguns rebanhos, como por exemplo o de “Zé Paisana”:

“Ainda este ano estive para lá ir mas os lameiros começaram a ter erva e já não fui. Se não ainda tinha para lá ido...Lá em cima o gado bebe mais água, aquilo é mais airoso, não há tanto calor, o gado anda melhor. (...) Ando aqui, as minhas ovelhas no vale saem de manhã, ao amanhecer, quando é às 11h já estão à sombra, já não querem andar cá fora. Andam debaixo de um castanheiro até às 17h! E quando é às 9e30h 10h já lá estão...Mas aqui se saírem às 16h, em saindo já não param... está a erva verde! Às 16h da tarde já se deitam a comer. O terreno puxa! Agora se estivesse tudo seco não comiam! Enquanto não baixasse o sol.” (E02 JP e MP)

As acções de protecção e prevenção das áreas protegidas também interferem neste ciclo. A maioria dos pastores entrevistados chamou a atenção para o facto de a Serra se apresentar cada vez mais suja (por falta de limpeza das matas), dificultando o crescimento da flora e a deslocação dos rebanhos.

3.6.3- Transumância para locais de proximidade

A partir da década de 60 do século XX o pastoreio começou a sofrer uma acentuada quebra no número de efectivos. Este revés conduziu a uma redução do número de cabeças de gado e, por conseguinte, a um aumento do número de pastos no Vale Glaciar e suas redondezas. Não obstante, não eram suficientes para apascentar todos os rebanhos nos meses de inverno, uma vez que a neve abundava naquela zona.

Após o fim das romarias para os “Campos da Idanha”, as gentes de Manteigas começaram a realizar transumância para locais que se encontravam mais próximos. Esta proximidade possuía inúmeros benefícios para os pastores, nomeadamente o facto de poderem deslocar-se a casa com maior facilidade. Grande parte dos pastores do Vale Glaciar e do Vale da Castanheira optou por realizar transumância para a localidade de Vale de Amoreira, que dista a cerca de 10 km de Manteigas.

Seguidamente ao regresso da Guiné, “Zé Paisana” realizou transumância para Vale de Amoreira. Porém, ao contrário do que sucedia com a transumância de longo curso, permanecia no local por um período máximo de 3 meses, e nunca 5.

“Era aqui mais perto. Abalava e se fosse preciso vinha cá dormir todos os dias a casa. (...) E mais a minha mulher...e fazia lá o queijo. E vendia lá quase sempre o queijo todo, quando andava em Vale de Amoreira...mas se precisasse, havia transporte, a gente se queria cá vir vinha cá! A dormir ou assim.(...) Às vezes ia pelo natal e vinha em Março, andava lá dois meses e depois vinha em Março. Tinha cá pastos...depois acabava o prazo...ali andava lá dois...do natal até Março. Janeiro e Fevereiro. Andava lá bem...em Vale de Amoreira.” (E02 JP e MP)

Apesar de migrar pelos mesmos motivos, “Vitinho”, que nunca realizou transumância de longo curso, chegou a levar os seus rebanhos até Vale de Amoreira por diversas vezes. No entanto, ao contrário de “Zé Paisana”, mantinha o gado por lá de Outubro a Abril:

“Arrendava lá terrenos, lojas lá para os meter e íamos sempre lá para baixo porque aqui não havia pastos, e como tinha as ovelhas ia lá para baixo e tinha que só vir em Abril (...) Quando uma altura, ia e vinha. Deixava lá o gado, mas eu ia e vinha. Depois outra altura começaram lá a roubar as ovelhas e cabras e assim, tinha que lá dormir todos os dias. Tinha que lá dormir. (...) Vinha, vinha cá de vez em quando à vila, mas tinha que lá dormir alguém ao pé do gado. Iam em Outubro e só vinham em Abril. Vinham em Abril porque havia já cá comida suficiente depois cá para cima. Agora depois dessa altura não havia cá comida em, nem em Manteigas nem aqui na serra ainda muito menos.” (E01 V)

O movimento transumante efectuado para locais de proximidade é o único que continua a ser realizado, para além da transumância estival. Em Manteigas, resiste um pastor transumante que todos os invernos faz uma curta migração com o seu rebanho. António Sabugueiro dos Santos, mais conhecido por “Tó Querido”, é responsável pela única transumância de inverno realizada nestas paragens:

“Ainda para lá vão, para Vale de Amoreira (...) É o Tó Querido, sabe quem é o Tó Querido? (...) Esse andou lá, e torna para lá agora para Janeiro. Tem lá umas quintas arrendadas. Fazia o sogro, depois o sogro acabou com o gado, dispensou-lhe as dele, e ele vai para lá. Tem lá centeio e assim...” (E02 JP e MP)

“Sou só eu já! Já só sou eu que...mais ninguém! Só eu só, mais ninguém.” (E01 TQ)

Nos primeiros dias de Janeiro, “Tó Querido” inicia uma viagem de algumas horas rumo ao sítio do “Cabecinho”, em Vale de Amoreira. A viagem dura cerca de 4 a 5 horas, dependendo da temperatura atmosférica: “quando está o tempo fresco elas andam mais, quando está mais calor tem que ir mais devagar, começa a aquecer, têm que ir mais devagar” (E01 TQ). O percurso é simples e feito com rapidez:

“Olhe, subo aqui à mata. Depois meto-me pela estrada a fora, e está lá em cima um posto de vigia, além adiante, um posto de vigia...e ao posto de vigia, aí já não há mata, havia logo pinhal também para lá houve fogo... quando as ovelhas passam o rio, vou direito ao Fragusto e depois vou mesmo direito àquelas casas que estão onde lhe expliquei a dizer, logo ali ao Cabecinho. Mas agora, quando formos, dizem que o rio já tem muita água, vamos diretos à ponte que vai para Valhelhas, sabe onde é que é a ponte que vai para Valhelhas? É a primeira ponte à ida, à ida para baixo, à direita, que vai para Verdelhos e depois vamos por essa estrada toda a fora, por aí a diante, por aí a diante, e depois há logo um ramalzinho, que se formos por aí a baixo, aí a baixo, vamos direito ao pasto.” (E01 TQ)

Apesar do local de destino ser o mesmo, os restantes pastores de Manteigas que realizaram transumância para Vale de Amoreira percorriam outro caminho. Esta diferença prende-se com o facto dos locais de partida e residência de cada um serem distintos. Tanto “Vitinho” como o seu tio “Zé Faísca”, ambos residentes no Vale Glaciar, transitavam por um percurso completamente alternativo ao de “Tó Querido”:

“Ia ali pelo Sameiro ou aqui pelo Poço do Inferno. Do Poço do Inferno ia ao cimo das Sarnadas, cimo da Sarnada ia sair ao cimo de Verdelhos (...) Ia directo à casa de guarda e depois só apanhava um

bocadito de estrada logo para Vale de Amoreira. Ainda cheguei a ir pela estrada, mas isso era quando era a estrada velha, íamos sempre pela estrada a baixo, directo a Sameiro, até Vale de Amoreira.” (E01 V)

“Ia ali pelo Poço do Inferno por causa do trânsito (...) Depois até à casa do guarda, àquela ponte, à Quinta Branca... aquela ponte que vai para Verdelhos ia ter aí. (...) depois a minha dormida, onde estava com o gado, era em frente da ponte, além naquelas casas, aí é que eu dormia.” (E01 JF)

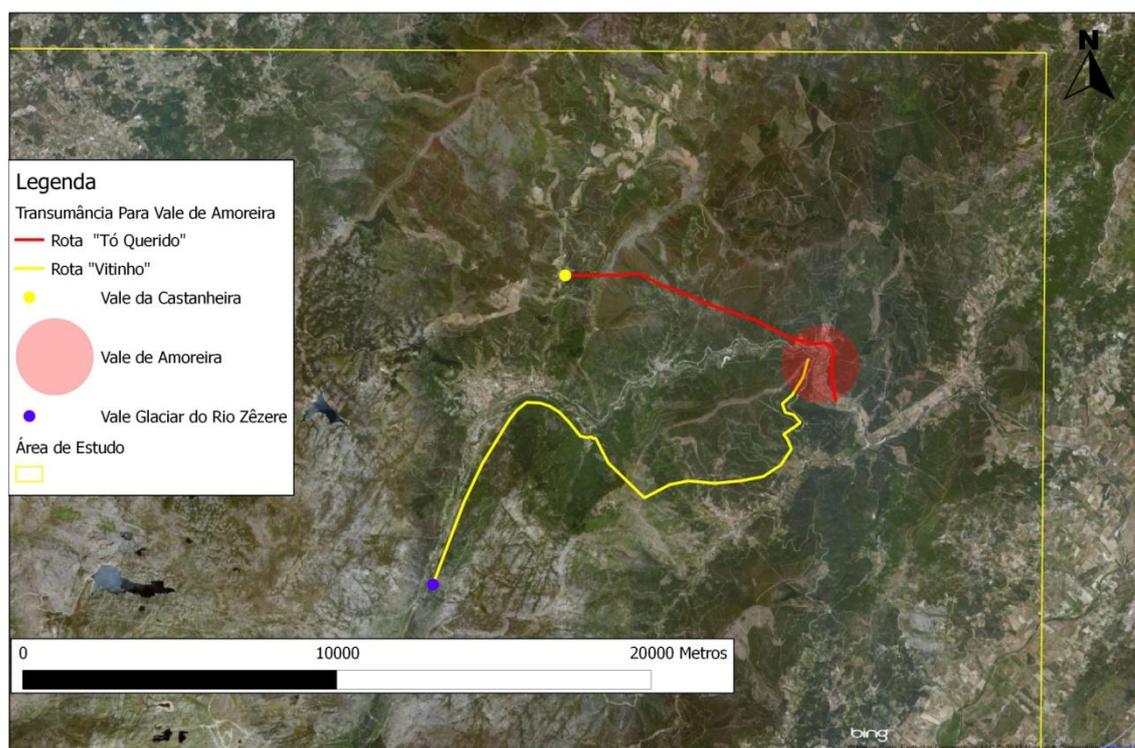


Figura 3 – Rotas transumantes para Vale de Amoreira a partir de dois locais distintos. A rota denominada “Vitinho” foi percorrida pela maior parte dos pastores do Vale Glaciar do rio Zêzere para fugir ao trânsito através do Poço do Inferno. A rota intitulada “Tó Querido” representa um percurso actual, realizado pelo único pastor que ainda pratica transumância de inverno.

A estadia de “Tó Querido” pelo “Cabecinho” prolonga-se por um período máximo de 2 meses, regressando em meados de Março: “no ano passado fomos no dia 9 de Janeiro...vou na entrada de Janeiro, venho aí pelo dia 10, 12, 15 de Março...às vezes 20, conforme! Mas é de 10 a 15.” (E01 TQ).

O local onde apascenta o gado em Vale de Amoreira é uma quinta que contempla uma residência e vários pastos para o gado. Durante os meses de inverno a única pessoa que lhe faz companhia é a esposa, que ali permanece com ele o tempo todo:

“Quem me lá vai ajudá-las a pôr é um filho meu, um deles qualquer, que eu tenho...são 3 rapazes e duas raparigas. Mas depois eles trabalham...vai a minha mulher para lá e depois eles vêm para aqui...vêm para aqui, eles já se governam, sabem cozinhar, já se governam. Depois fica lá a minha mulher comigo, lá em baixo em Vale de Amoreira. Tenho lá uma casa (...) de roda do pasto, olhe, o pasto é aqui, por baixo e a casa é aqui. Ele...vê-se o pasto dali...o outro não, o outro é lá para o fundo (...) É lá perto...aquilo são umas quintas muito grandes. Mas aquilo não é nosso, aquilo é de renda! Que nós não temos lá terra nenhuma. Aquilo é tudo de renda.” (E01 TQ)

Após um longo período de 20 anos sem realizar transumância, devido ao facto de os filhos serem bastante jovens, “Tó Querido” pretende agora continuar as jornadas transumantes:

“Os meus filhos começaram a ir para a escola e a gente tinha muitos pastos também arrendados em Manteigas e depois eu não tinha quem me visse deles, está a compreender? E esse fim de não irmos lá, porque derivado aos filhos irem para a escola e depois arrendava aqui pastos em Manteigas. Mas agora os pastos, a maioria deles, os que a gente cultivava...cultivava...arrendava! Muitos já lá fizeram obras, outros puseram lá pomares, oliveiras... não dá! E agora andamos lá em baixo...eu...já andamos lá...com este que vem, são 3 invernos! Que remédio! Temos que ir para aí.” (E01 TQ)

Para além da transumância de inverno costuma, inclusive, levar o rebanho até Vale de Amoreira por um período de 15 dias, no mês de Setembro:

“Mas depois em acabando, vamos lá em baixo com o gado comer aquele e depois aqui vai medrando, e depois quando a gente vem já temos aqui muita comida. Já dá para depois andarem aí a pé...e depois nós costumamos lá ir fazer 15 diazitos no mês de Setembro (...) a Vale de Amoreira, lá no...semeamos lá centeio, depois rebenta outra vez o pasto e algum galho que fica, depois costumamos lá ir 15 diazitos no mês de Setembro. (...) O trajecto é todo igual.” (E01 TQ)

Com um rebanho de 140 animais, “Tó Querido” é o único pastor que ainda percorre alguns quilómetros para fugir da neve e das intempéries. Este tipo de migração, que alguns autores denominam de “transterminância” (Morais, 1998: 9), ocorreu em Manteigas ao longo de vários anos e para vários locais. Sameiro e Valhelhas, duas localidades que distam poucos quilómetros de Manteigas, acolheram pastores transumantes da vila e de outros pontos da Serra da Estrela.

“Zé Faisca”, pastor ancião do Vale Glaciar do rio Zêzere, migrou com os seus rebanhos tanto para Vale de Amoreira como para Valhelhas:

“PASTOREIO EM MANTEIGAS: TRANSUMÂNCIA NO PASSADO E NO PRESENTE”

“eram sempre umas 80. De inverno era...80/90 (...) E para Valhelhas, também lá andei (...) Em Sameiro nunca lá andei, agora em Valhelhas...e era bom, para leite...e a gente para onde “puxa” é que vai. (...) uns safavam-se para um lado, outros safavam-se para outro. Era tudo arrendar! Mas já havia dormidas para elas, já havia dormidas para o pastor e tudo...” (E01 JF)

Podemos então concluir que estas migrações eram feitas em função, tanto de factores de proximidade, como de factores que beneficiavam a qualidade dos pastos existentes nas localidades próximas.

Uma vez que a transumância de longo curso caiu em desuso há algumas décadas, esta transumância de proximidade, ou “transterminância”, continuará a ser a única migração de gado existente na região num futuro próximo.

4- Considerações Finais

Ao longo desta investigação foram apresentados diversos assuntos relativos à actividade pastoril no Vale Glaciar do rio Zêzere e no Vale da Castanheira (Manteigas). Através de uma exposição da evolução da actividade nesta região, foi possível aduzir novos dados acerca da migração transumante dos gados que ali apascentam.

É importante referir e salientar o enorme fosso que existe entre o presente e o passado do pastoreio na área estudada. A diminuição do número de pastores e de cabeças de gado a partir da década de 70 do século XX, tem sido uma tendência que, a manter-se, pode colocar em causa a continuidade da profissão. As causas desta diminuição vão desde a dureza do ofício, à constante imposição de restrições por parte do Parque Natural da Serra da Estrela, numa zona classificada como área protegida.

A constante diminuição do número de pastores conduziu, naturalmente, a um decréscimo do número de animais, e a um conseqüente aumento dos pastos disponíveis. Existindo pastos para a maior parte dos rebanhos, a necessidade de migrar é menor, pois existe alimento para um maior número de animais. Uma das conclusões a que chegámos ao longo desta investigação foi precisamente a diminuição dos movimentos transumantes decorrente deste fenómeno. Para além de existirem mais pastos, existem também outros meios de alimentar os animais durante os períodos mais críticos a nível climatérico, nomeadamente as rações.

Apesar de serem escassas, as migrações transumantes não se encontram extintas na região de Manteigas, uma vez que ainda existem 3 pastores que continuam a realizá-las. O que diferencia este tipo de transumância da realizada há mais de 50 anos é precisamente a distância das viagens. Hoje em dia não existem condições nem necessidade de se proceder a viagens tão longas, pois existem localidades a poucos quilómetros de Manteigas que podem oferecer condições adequadas à permanência dos animais durante os meses mais frios. Os invernos podem não ser tão rigorosos como outrora, e os verões podem não ser tão secos, porém, a transumância continua a ser a melhor forma de se alimentar os rebanhos de uma forma mais barata.

Além de serem poucos, a maior parte dos pastores encontra-se já numa idade demasiado avançada, o que poderá condicionar a continuidade da profissão na região. “Vitinho”, com 29 anos, é o mais novo pastor da área, e o único da sua geração que gosta do que faz. Se a conjuntura pouco ou nada se alterar, Vítor corre o risco de vir a ser o último pastor do Vale Glaciar.

As contribuições que esta investigação trouxe para a região podem ser bastante importantes para o planeamento e reestruturação da actividade pastoril em Manteigas. Ao dar conta da realidade, focando aspectos gerais e particulares, algumas medidas poderão ser tomadas para contribuir para uma melhoria da condição de vida e profissional destas pessoas.

De um modo geral, os objectivos a que nos propusemos nesta dissertação foram cumpridos.

Gostaríamos também de deixar um pequeno comentário a um evento que se realizou à data de término deste trabalho. Organizado em parceria pelas Câmaras Municipais da Guarda e do Fundão, o evento “Grande Rota da Transumância” pretendeu recriar as rotas pedestres percorridas outrora pelos pastores transumantes dos vários pontos da Serra da Estrela e da Gardunha. É de realçar a organização deste acontecimento, uma vez que permite apresentar o imaginário das viagens a pessoas que nunca tiveram contacto com este tipo de vida. Todavia, duvido que estes episódios contribuam de alguma forma para uma melhoria das condições de vida dos pastores, transumantes ou não, que participam nas viagens.

5- Bibliografia

- Amaral, Abílio Mendes do, “Os pastores da Serra da Estrela: etnografia, foro, privilégios, transumância”; Viseu, 1970.

- Baptista, José David Lucas, “Património cultural e património natural do concelho de Manteigas”; Manteigas: Câmara Municipal, 1984.

- Baptista, José David Lucas, “O povoamento da Serra da Estrela de 1055 a 1223 e outros estudos”; Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa; Manteigas: Parque Natural da Serra da Estrela, 1988.

- Baptista, José David Lucas, “Manteigas, uma vila da Serra da Estrela de 1136 a 1527”; Manteigas: Parque Natural da Serra da Estrela, 1990.

- Baptista, José David Lucas, “Toponímia do concelho de Manteigas”; Manteigas: Câmara Municipal: Parque Natural da Serra da Estrela, 1994- 1998.

- Barbosa, Angelina, “À descoberta da Estrela: rede de percursos pedestres de grande rota, no Parque Natural da Serra da Estrela”; 2ª edição, Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 1998.

- Barbosa, Angelina, “Parque Natural da Serra da Estrela”; 1ª Edição, Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2001.

- Barros, Rui Figueiredo de, “Nota sobre a geologia da região de Manteigas”; Separata de: “Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências; Lisboa: Coimbra Editora, 1960.

- Belo, Duarte, “Orlando Ribeiro seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela”; Lisboa: Assírio e Alvim, 1999.

- Burgess, Robert G., “A pesquisa de terreno – uma introdução”, Celta Editores, 2001.

- Chambino, Eddy, “Pastores: guardiões de uma paisagem”; coord. Paulo Longo; Idanha-a-Nova: Câmara Municipal – Centro Cultural Raiano, 2009.

- Dias, Jorge, “Aspectos da Vida Pastoril em Portugal”, in Separata da *Revista de Etnografia* N° 8, Museu de Etnografia e História; 1965.

- Dias, Jorge, “Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril”; Lisboa: Editorial Presença, 1984.

- Duarte, José Lucas Baptista, “Antologia: textos seleccionados sobre Manteigas e Sameiro: contributo para uma monografia: história, tradição e etnografia”; Manteigas: Câmara Municipal, 1985.

- Escola Evaristo Nogueira, “Lendas e tradições na Serra da Estrela”; S. Romão: EEN, 1999.

- Gonçalves, Eduardo Osório, “Raízes da Beira: genealogia e património da Serra da Estrela ao Vale do Mondego”; Lisboa: Dislivro Histórica, 2006.

- Gonçalves, Joaquim Simões, “Forragens e pastagens”; Oliveira do Hospital: Associação Nacional dos Criadores de Ovinos, 1993.

- Henriques, Pedro Castro, “Serra acima: a montanha nas áreas protegidas de Portugal”; Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2003.

- Jornadas Técnicas da Associação Nacional de Criadores de Ovinos Serra da Estrela, Oliveira do Hospital, “Da tradição ao futuro, da ovelha ao queijo Serra da Estrela”; Oliveira do Hospital: ANCOSE, 1992.

- Klapp, Ernst, “Prados e Pastagens”; Tradução de J. Marques de Almeida, 2ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986.

- Leal, Guilhermina, “O provedor dos pastores para as questões da mesta ou da transumância” in *Praça Velha* ano X, nº 22, 1ª série, Dezembro 2007; pp.157-162.

- Lima, Jaime de Magalhães. “Entre pastores e nas serras”; Lisboa: Portucel, 1986.

- Lucas, António de Carvalho, “Subsídios para o estudo da etno-sociologia pastoril da Serra da Estrela”; Coimbra: Arquivo Coimbrão; Separata de “Arquivo Coimbrão”, vol. 21, 22; 1965.

- “Manteigas: etnografia e folclore”; Manteigas: Câmara Municipal, 2000.

- Martinho, Alberto, “Sabugueiro: uma aldeia da Serra da Estrela”; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1972.

- Martinho, Alberto, “O pastoreio e o queijo da serra”; Lisboa: Parque Natural da Serra da Estrela, 1978.

- Martinho, Alberto; Matos, Fernando de, “Leite, cardo e mãos frias – o Queijo da Serra da Estrela no concelho da Guarda”; Câmara Municipal/ Núcleo de Animação Cultural, Julho de 2009.

- Melo, Francisco Lopes de, “A transformação da paisagem da Serra da Estrela: necessidade do seu planeamento”; Gouveia: Boletim da Casa do Concelho de Gouveia, 1969.

- Monteiro, Augusto José R. M., “Manteigas na segunda metade do século XVIII: “*Villa onde [nem] tudo sam lans e pannos*””; Coimbra: A.J.R.M. Monteiro, 1989.

- Mora, Carla Andreia da Silva, “Climas da Serra da Estrela: características regionais e particulares locais dos planaltos e do alto Vale do Zêzere”; 2006.

- Morais, J. A. David de, “A Transumância de gados serranos e o Alentejo”; Évora: Câmara Municipal, 1998.

- Neves, Francisco Correia das, “Da Serra da Estrela ao Campo de Ourique: memorial da antiga transumância”; Beja: Associação dos Criadores de Ovinos do Sul, 2001.

- Neves, João Paulo Martins das, et al., “A transumância e Fernão Joanes: sonhos transumantes” coord. Américo Rodrigues; Guarda: Câmara Municipal; Fernão Joanes: Núcleo de Animação Cultural: Junta de Freguesia, 2004.

- Oliveira, Américo e Silva, Filomeno, Nota de apresentação *in* Actas do Colóquio “Montemuro – A Última Rota da Transumância”; Associação da Defesa do Património Arouquense e Escola Superior Agrária de Viseu; Arouca, 2000a.

- Oliveira, Américo e Silva Filomeno, “Montemuro – A Última Rota da Transumância”; Associação da Defesa do Património Arouquense, NORPRINT, Arouca, 2000b.

- Pinheiro, Elisa Calado, “Rota da Lã Translana: percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal), Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)”; 2 Vol., Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, 2008.

- Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone; Raybault, Paul, “Histórias de Vida – Teoria e Prática”, tradução de João Quintela, Celta Editores, 2ª Edição, 1999.

- Pollak, Michael, “Memória e Identidade Social”; *in Estudos Históricas*, vol. 5, nº 10, Rio de Janeiro, 1992, pp. 200-212.

- Ribeiro, Orlando, “Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela”; Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1941.

- Ribeiro, Orlando, “Estrutura e relevo da Serra da Estrela”; Madrid, 1954.

- Ribeiro, Orlando, “Significado geográfico do pastoreio na Serra da Estrela” *in Opúsculos Geográficos*, vol. VI; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

- Santos, Palmira Marques dos, “As lendas da Serra da Estrela na tradição escrita”;
Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, 1989.

5.1- Suporte Informático

- <http://www.oei.es/quipu/portugal/historia.pdf>

- <http://www.cise.pt/pt/index.php/serra-da-estrela/parque-natural>

- <http://www.icnf.pt/portal/icnf>

- <http://www.uc.pt/grasses/taxonomia/complexo>

- http://www.cm-manteigas.pt/municipio/publicacoes/Documents/diagnostico_social.pdf

6- Anexos

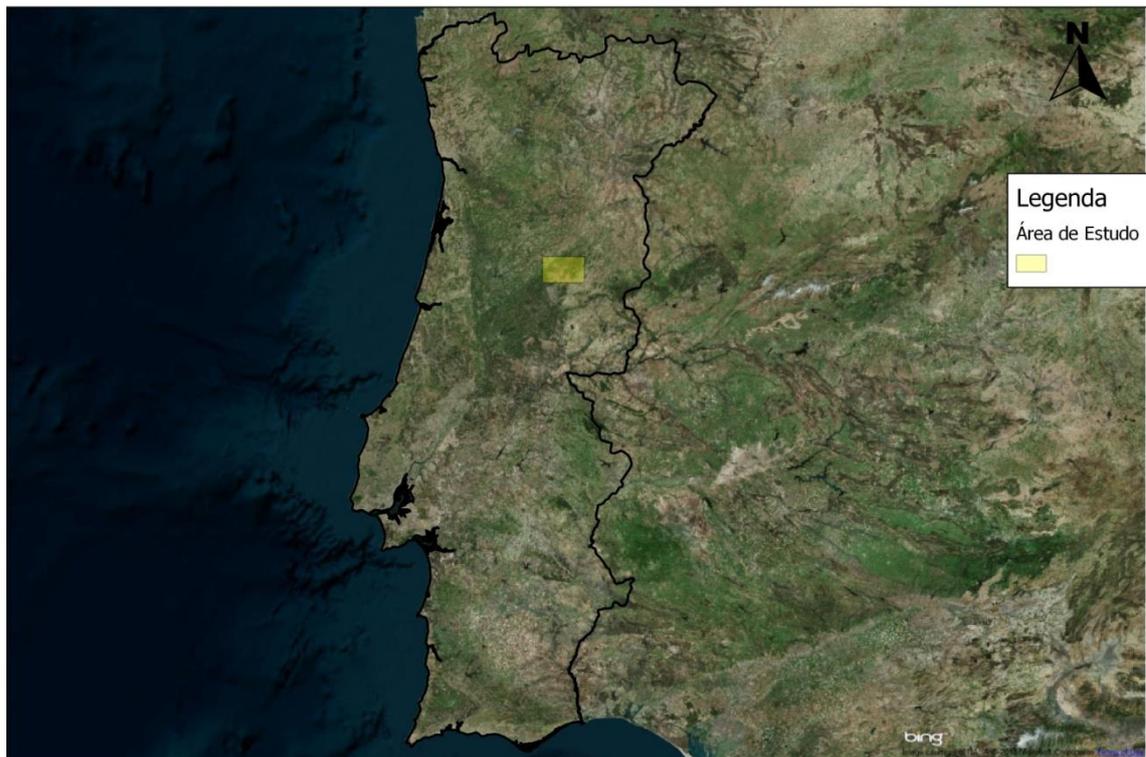


Figura 4 – Área de estudo que engloba as cartas militares 212, 213, 223 e 224 numa escala 1: 25 000.

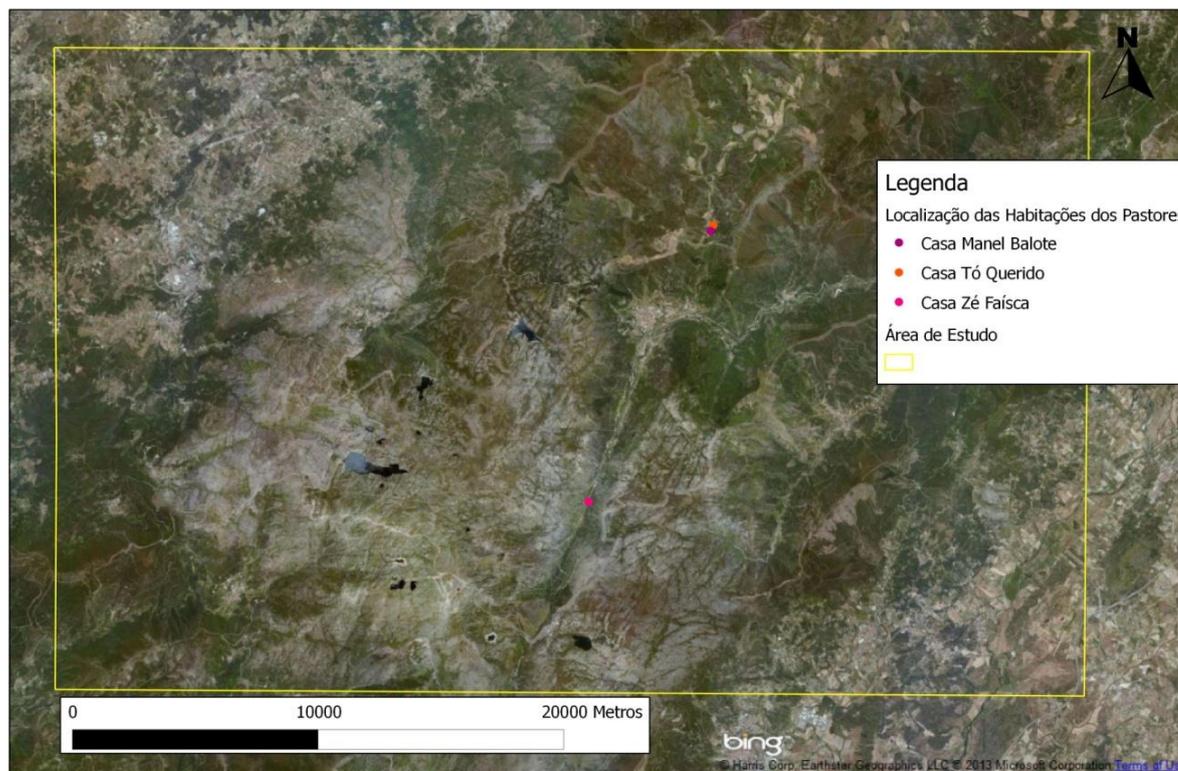


Figura 5 - Locais de residência dos pastores que foram contactados em casa. Os pontos assinalam com exactidão as residências dos pastores “Manel Balote”, “Tó Querido” e “Zé Faísca”.



Figura 6 - Rota de transumância Manteigas - Idanha percorrida pelo pastor “Zé Paisana”.